

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO: JORNALISMO

MANUELA MARTINS RAMOS

Copa do Mundo de Basquete 2014: Análise da transmissão dos canais SporTV e ESPN

PORTO ALEGRE
2015

MANUELA MARTINS RAMOS

Copa do Mundo de Basquete 2014: Análise da transmissão dos canais SporTV e ESPN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Sandra de Fatima Batista de Deus

PORTO ALEGRE
2015

MANUELA MARTINS RAMOS

Copa do Mundo de Basquete 2014: Análise da transmissão dos canais SporTV e ESPN

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social – Habilitação
Jornalismo

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Sandra de Fatima Batista de Deus (orientadora)
UFRGS

Me. João Paulo Fontoura

Dr^ª. Sabrina Franzoni

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado.....
.....
....., de autoria de....., estudante do curso de....., desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, de de 20.....

Assinatura:

Nome completo do orientador:

"Just play. Have fun. Enjoy the game."

(Michael Jordan)

AGRADECIMENTOS

É difícil para uma adolescente de dezessete anos escolher o que quer fazer para o resto da vida. Mesmo no fundo tendo certeza do que queria não me parecia tão claro. Começo agradecendo à minha tia Irene por ter me guiado nesse caminho e proporcionado grande parte dos meus estudos e dos meus sonhos. Juntamente com a minha família que sempre entendeu quando, nos últimos anos, não compareci aos churrascos de domingo, pois estava trabalhando no que amo. Também ao meu anjinho que partiu há pouco.

Para que esse trabalho acontecesse da maneira que eu queria precisei do auxílio de pessoas que tenho muito carinho. Obrigada à família Izquierdo e Fabiane Rodrigues, minha grande amiga.

Quero agradecer também meus colegas de trabalho do Grupo Bandeirantes de Comunicação que compartilham comigo esporte e risadas sempre. Crises também, mas faz parte do nosso mundo. Aos meus professores que encontrei nessa jornada, principalmente a minha orientadora, Sandra de Deus. Eles me ensinam todos os dias que é nisso que quero seguir. É isso que me faz feliz.

Aos meus amigos que mesmo ausente da vida social no último semestre entenderam quando recusava os convites. Espero que não tenham esquecido de mim e voltem a me convidar para sair. Há também aqueles que passaram longos quatro anos convivendo comigo todos os dias. A cada fim de semestre celebrávamos mais um ciclo com um almoço. Torço para que, apesar de seguirmos caminhos distantes, continuemos a nos encontrar nessa caminhada. Quem eu sei que sempre vou ter comigo é a Laura Xavier e a Marina Pagno. Agradeço especialmente às duas que ocuparam um espaço no meu coração.

Quem realmente teve uma paciência enorme foi meu namorado, Francisco Izquierdo. Ouviu meus desabafos, me consolou, me confortou com seu colo e, principalmente, comemorou comigo meus sucessos. É difícil agradecer uma pessoa tão especial, mas o que posso oferecer é meu amor e meu companheirismo para o resto de nossas vidas.

Aos meus pais, Elisabete e Márcio, deixo palavras cheias de carinho e orgulho por ser filha de vocês. A tão sonhada Manuela. Mal sabiam que o sonho seria meu em ter tudo que eu sempre quis ao lado de vocês. Se eu me tornei alguém nessa vida, foi por vocês. Todas as minhas conquistas são para vocês.

Por fim, o meu anjo da guarda. São dezesseis anos ao meu lado. O maior presente que eu poderia ter ganhado. Minha vida não teria sido nada sem o teu amor. Espero que tu sempre estejas olhando por mim. Obrigada, Yasmin.

RESUMO

Este trabalho tem como proposta analisar as diferenças durante as transmissões das partidas da Copa do Mundo de Basquete de 2014 entre os canais SporTV e ESPN. Através dos estudos do jornalismo esportivo e das transmissões televisivas, visa analisar o conteúdo das exibições do campeonato pelas emissoras e a estruturação dos canais durante as partidas, pontuando suas principais diferenças.

Palavras-chave: Copa do Mundo de Basquete, jornalismo esportivo, transmissão televisiva.

ABSTRACT

This project's purpose is to analyze the difference between the coverages of the Basketball World Cup 2014 from television channels SporTV and ESPN. Through the studies of sports journalism and television broadcasting, aims to analyze the content of the exhibition of the event by the channels and their structure during the match, by pointing the main differences.

Key words: Basketball World Cup, sports journalism, television transmission

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Brasil x França	60
Tabela 2 - Brasil x Irã	65
Tabela 3 - Brasil x Sérvia.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 JORNALISMO.....	14
1.1 Jornalismo Esportivo.....	18
2 TELEVISÃO.....	28
2.1 Jornalismo Esportivo na televisão.....	35
2.2 SporTV.....	40
2.3 ESPN.....	42
2.4 Transmissão televisiva.....	44
3 O BRASIL NA COPA DO MUNDO DE BASQUETE.....	53
3.1 Copa do Mundo de Basquete 2014.....	55
3.2 Brasil x França.....	56
3.3 Brasil x Irã.....	61
3.4 Brasil x Sérvia.....	66
3.5 Análise comparativa entre SporTV e ESPN.....	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte do brasileiro, disso ninguém tem dúvida. Mas será que todos os brasileiros preferem o futebol? Com a massiva exposição desta modalidade, é preciso ter espaço para a diversidade. Seja essa diversidade exposta nas ruas ou pela imprensa.

Toda representação feita pelos veículos brasileiros sobre esportes menos massivos em nossa sociedade é preciso ser considerada. A transmissão da Copa do Mundo de Basquete com cobertura total dos canais por assinatura SporTV e ESPN no mesmo ano da “Copa das Copas” realizada em nosso país é uma mostra de que nossa sociedade está à procura de outros esportes.

O basquete nunca foi muito popular no Brasil. Sua propagação veio através do ex-narrador do Grupo Bandeirantes de Comunicação, Luciano do Valle. Nas décadas de 1980 e 1990, Luciano introduziu no país diferentes modalidades do esporte, como o automobilismo, o vôlei, o boxe, o futebol americano e o basquete. Ele ampliou o espaço da cobertura esportiva, assim como a visibilidade de atletas fora do futebol. Com a popularização e o conhecimento do público com novas maneiras de admirar o esporte, outras emissoras de televisão passaram a transmitir campeonatos de outras modalidades.

Vivemos em um país pentacampeão mundial no futebol. Pelé, o maior jogador dessa modalidade, é brasileiro. Sem contar os outros quatro brasileiros que foram eleitos melhores do mundo até o ano de 2015 (Rivaldo, Ronaldo Nazário, Ronaldinho Gaúcho e Kaká) e tantos outros craques que não tiveram (ainda) tal reconhecimento. É claro que o maior destaque sempre vai ser do futebol, mas também temos atletas de outras modalidades que (têm) e merecem o devido reconhecimento.

No basquete masculino somos bicampeões mundiais (1959 e 1963), duas vezes medalhas de prata e duas de bronze. Temos três medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos (1948, 1960 e 1964), títulos Pan-americanos, Sul-americanos e Copas Américas. Já no feminino fomos campeões mundiais (1994), medalha de prata nas Olimpíadas (1996), campeões Sul-americanos e da Copa América. Sem falar em jogadores reconhecidos internacionalmente como Magic Paula, Hortência e Oscar – que em 2013 entrou para o Hall da Fama do basquete, condecorado como um dos melhores jogadores de todos os tempos. Em

2014, tivemos também o primeiro brasileiro campeão da NBA (maior campeonato de basquete do mundo). Tiago Splitter levou o título juntamente com o San Antonio Spurs.

Além do basquete, temos outros esportes, como o vôlei que com a Seleção brasileira masculina já conquistou todos os títulos existentes. Já a feminina só não conquistou o Campeonato Mundial e a Copa do Mundo, sendo prata e bronze nestas competições. No tênis, tivemos a popularização do esporte com o Guga. Na natação tivemos e temos nomes como Gustavo Borges, Xuxa, Thiago Pereira e César Cielo. Nos ringues, Maguila e Popó. No MMA vimos Anderson Silva. No surfe, o primeiro brasileiro campeão do mundo, Gabriel Medina. No automobilismo tivemos Ayrton Senna, Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Rubinho. Senna até mesmo conseguiu despertar a paixão do brasileiro para além do futebol.

Muitos pesquisadores trabalham com a questão envolvendo a superioridade do futebol. Carolina Santana de Oliveira, Franciele Marques e Laudia de Oliveira Bolzan (2013) explicam que todos esses esportes têm seguidores no Brasil, mas que o espaço dado para as notícias sobre eles é muito limitado, o que acaba levando a falta de popularidade do esporte devido à hegemonia do futebol. Paulo Vinícius Coelho (2013) acredita que o jornalista corre um risco muito grande quando trabalha com esportes que têm menos espaço na imprensa. Muitos exigem especialização para o trabalho, mas, mais do que isso, os atletas também exigem especialização do jornalista para trabalhar com eles. O público exige o entendimento. Barbeiro e Rangel (2013) consideram o jornalista esportivo como representante de milhares de torcedores. E é por isso que o esporte mexe tanto com a emoção.

É importante desenvolver o estudo do segmento esportivo na área do jornalismo na televisão, para que possamos produzir conteúdos de melhor qualidade, fazendo com que a sociedade desenvolva um maior interesse por eles. Assim como em todas as áreas, melhorando os conteúdos na comunicação, desenvolveremos um trabalho melhor, conseguiremos transmitir mais claramente nossas mensagens e mostrar que o jornalismo esportivo não é apenas opinião, mas também um trabalho de jornalistas e comunicadores, feito para uma comunidade.

Diante do exposto, este estudo pretende analisar a Copa do Mundo de Basquete mostrando o quanto uma transmissão de qualidade pode ser feita para outros esportes, além do futebol. Ademais, tem-se como objetivo contribuir para a melhora nas coberturas esportivas, destacando pontos positivos e negativos para mostrar que é possível fazer televisão esportiva sem falar de futebol.

A pesquisa analisará as diferenças na transmissão de três confrontos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de Basquete 2014 feitas pelos canais SporTV e ESPN. Brasil x França, Brasil x Irã e Brasil x Sérvia foram os confrontos escolhidos aleatoriamente. A análise levará em conta a diferença na estruturação do canal durante a transmissão, o uso de recursos exclusivos, a divulgação da grade de programação da própria emissora, as informações extrajogo divulgadas durante a partida, a interação com os telespectadores e o aproveitamento do tempo para transmitir opiniões ou informações. Além disso, irá relatar como se dá a cobertura esportiva do evento nos canais e pontuar suas principais diferenças durante a exibição.

O primeiro item a ser abordado no trabalho é o estudo bibliográfico, para dar base ao restante da monografia. O primeiro capítulo tratará sobre o que é jornalismo e seu papel na sociedade democrática, a partir da obra de Nelson Traquina, “O que é jornalismo” (2005). Assim como os conceitos e o papel da segmentação esportiva do jornalismo. Para isso, será usada a obra de Antonio Alcoba López, “*Periodismo deportivo*” (2005), por ter um grande reconhecimento e importância na área. “Jornalismo esportivo” (2013), livro de Paulo Vinícius Coelho, também será referência por ser uma das poucas obras que detalha a vivência do jornalismo esportivo no Brasil. Barbeiro e Rangel igualmente contribuirão com o “Manual de jornalismo esportivo” (2013).

O segundo capítulo trata sobre a televisão. Para contar a história deste veículo de comunicação no Brasil e a propagação do esporte na tevê utilizam-se André Ribeiro e sua obra “Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil” (2007). Arlindo Machado através de “A televisão levada a sério” (2003) contribui com o seu conceito sobre o meio e transmissões televisivas e esportivas. As trajetórias das emissoras SporTV e ESPN também são retratadas nesta parte.

Já o terceiro capítulo é formado pela análise da Copa do Mundo de Basquete 2014. A base teórica para essa análise é “Análise de conteúdo em jornalismo”, de Heloisa Golbspan Herscovitz (2007). Esse método possui a capacidade de entender o que ficou registrado, neste caso através das gravações do campeonato. Ela é utilizada para descrever e classificar tendências e modelos na noticiabilidade e produtos jornalísticos. “Análise de conteúdo” (2011) de Laurence Bardin também foi estudada para a base na quantificação dos termos observados, igualmente como o tratamento dos resultados obtidos através da exploração do material coletado.

1 JORNALISMO

O que é jornalismo? Essa é uma pergunta controversa. Não é tão simples defini-lo em tão poucas palavras. Mas Nelson Traquina tem algumas significações: “poeticamente podia-se dizer que o jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente” (TRAQUINA, 2005, p. 19). O autor acredita que o jornalismo pode ser a vida dividida em seções como geral, policial, internacional, ambiental, esportiva e cultural. O principal foco do jornalismo, sua essência, é a notícia, a informação. A maioria dos livros sobre o assunto define notícia como tudo o que é importante ou interessante. Traquina complementa dizendo que “isto inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*” (TRAQUINA, 2005, p. 19).

O jornalismo pode ser a realidade também. Seu principal produto é real e não ficcional. Traquina acredita que “a transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão de jornalista, merece a violenta condenação da comunidade e quase o fim de qualquer promissora carreira de jornalista.” (TRAQUINA, 2005, p. 20) Mas muitas vezes essa verdade é contada de uma maneira espetacularizada.

O que está acontecendo no mundo o jornalismo conta. Conforme o desenvolvimento do planeta, as pessoas sentem vontade de serem informadas sobre o que está ocorrendo ao redor delas. “Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ do triunfo e tragédia” (TRAQUINA, 2005, p. 21), explica Traquina.

Traquina (2005) caracteriza o jornalismo como uma atividade intelectual e criativa. E quem faz a profissão “não são apenas trabalhadores contratados, mas membros de uma comunidade profissional que há mais de 150 anos de luta está empenhada na sua profissionalização com o objetivo de conquistar maior independência e um melhor estatuto social” (TRAQUINA, 2005, p. 22), argumenta o autor. O papel do jornalismo na democracia é informar sem censura. Sem liberdade, o jornalismo acaba se tornando uma farsa ou uma tragédia, comenta Traquina (2005). Em um sistema totalitário o jornalismo poderia ser uma propaganda oficial do poder. “As liberdades são reais, mas seria uma visão romântica da profissão imaginar que o jornalismo é a soma de todos os jornalistas a agir em plena liberdade” (TRAQUINA, 2005, p. 25), acredita Traquina. Muitas vezes o trabalho do

profissional é guiado pelas horas de fechamento, a cadeia hierárquica, pelos parceiros comerciais da empresa e pela competitividade. O trabalho jornalístico pode ser altamente condicionado, mas ele também tem o poder. Logo, os jornalistas possuem poder também. Traquina (2005) acredita que os jornalistas têm participação ativa na construção da realidade, através da elaboração das notícias, que o jornalismo pode ser usado como uma voz alternativa para a sociedade.

Para Traquina (2005), a manipulação só acontece quando há métodos ilegítimos, como documentos e pistas forjados e mentiras. O autor acredita que os jornalistas andam em constante ligação com a sociedade ao definirem os limites entre o que deve e não ser noticiado. “As notícias têm uma estrutura profunda de valores que os jornalistas partilham, como membros da sociedade, com a sociedade. Como um todo. Como seus membros” (TRAQUINA, 2005, p. 29), complementa. Dessa forma, o jornalismo é uma parcela da realidade escolhida pelos profissionais da imprensa.

Traquina (2005) acredita em três vertentes do desenvolvimento do jornalismo dentro da democracia: a sua expansão através da criação de novos meios de comunicação (como o rádio e a televisão e agora a internet); sua comercialização através da notícia e o seu papel social dentro da própria democracia.

Durante o século XIX surgiu o desenvolvimento do *mass media*, a imprensa como conhecemos hoje em dia. Com a expansão dos veículos de comunicação, mais pessoas passaram a trabalhar e o seu compromisso com a informação cresceu. Juntamente com esse crescimento veio à comercialização, que aumentou com a possibilidade de lucro na maior tiragem dos jornais. Os jornalistas que eram – ou são – quem reivindicam o monopólio do saber, através da informação e não da propaganda. “Podemos verificar a expansão vertiginosa da imprensa com dados estatísticos sobre o aumento das tiragens e o aumento do número de jornais na França ao longo do século XIX” (TRAQUINA, 2005, p. 35), conta Traquina.

O que também contribuiu para a “época do ouro”, que ocorreu no século XIX, do jornalismo foram a evolução do sistema econômico, os avanços tecnológicos, fatores sociais e a evolução do sistema político no que tem dizer a liberdade e a democracia, segundo Traquina (2005). “O desenvolvimento da imprensa está relacionado com a industrialização da sociedade e com o desenvolvimento duma nova forma de financiamento, a publicidade” (TRAQUINA, 2005, p. 36), explica Traquina. A publicidade, juntamente com o autofinanciamento através da venda de jornais, fez com que houvesse a despolitização da

imprensa. Dessa maneira, há uma independência dos partidos políticos que eram a principal fonte de renda dos veículos no início do século XIX.

O que também ajudou no crescimento foi a melhora nas tecnologias. A invenção de máquinas mais eficientes na impressão das páginas de jornais e a câmera fotográfica contribuíram para o avanço. O telégrafo também facilitou a globalização da informação. Mas o que trouxe a principal integração foram as agências de notícia ao redor do mundo. Os leitores também aumentaram com a grande escolarização da população. As escolas públicas ensinaram um grande número de pessoas a ler. O processo de urbanização das cidades e o seu crescimento também colaboraram. “A expansão da imprensa foi alimentada pela crescente conquista de direitos fundamentais, como a liberdade, cerne de lutas políticas seculares que incendiaram revoltas e revoluções, valor central da emergência de um novo conceito de governo – a democracia” (TRAQUINA, 2005, p. 40), complementa Traquina. A luta pela liberdade iniciou através da disputa contra os poderes absolutos, na maioria monárquica, em grande parte dos países. O autor acredita que através disso, o jornalismo está na sociedade democrática vivendo da herança da história contra a censura e a favor da liberdade.

O jornalismo é conhecido como o “Quarto Poder” desde o século XIX, quando um deputado do parlamento inglês, McCaulay, chamou os jornalistas assim, fazendo uma referência aos três poderes da Revolução Francesa: o clero, a nobreza e a burguesia (que englobava também o povo). Se formos olhar na perspectiva democrática de que “poder controla poder”, a imprensa seria o quarto poder em relação ao executivo, o legislativo e o judiciário. Traquina acredita que o jornalismo “encontrou essa legitimidade nos intérpretes convincentes e influentes da teoria da opinião pública.” (TRAQUINA, 2005, p. 47) A opinião pública era importante para o controle social, pois, através dos jornais, ela criava um elo com as instituições governantes. “A legitimidade jornalística está na teoria democrática e, segundo os seus teóricos, assenta claramente numa postura de desconfiança (em relação ao poder) e numa cultura claramente adversarial entre jornalismo e poder” (TRAQUINA, 2005, p. 47), explica Traquina. Dessa maneira os jornalistas se tornaram porta-vozes da opinião pública e fiscais do governo.

No início, o jornalismo não era uma profissão. Só era uma escolha quando as opções eram ficar desempregado ou ter um emprego no jornal. Traquina (2005) conta que até havia um prestígio por se tratar de uma profissão que requeria uma educação literária, mas não havia uma preparação para isso. Muitas vezes escrever no jornal era um passo inicial para

uma futura carreira de político. Só a partir do desenvolvimento da reportagem e da grande reportagem que a profissão passou a ganhar algum prestígio.

As condições de trabalho do profissional ditavam, na maioria das vezes, o seu trabalho. Como muitos eram pagos por espaços ocupados pelas notícias escritas, acabam aumentando as notícias, para que o salário fosse maior. Até mesmo suborno poderia ser visto, já que as normas éticas de um bom jornalismo não estavam claras. A grande maioria também possuía um segundo emprego. “Uma forma de promover a profissionalização foi a criação de clubes, associações, sindicatos, etc.” (TRAQUINA, 2005, p. 81), explica Traquina. Seu objetivo inicial era melhorar as condições de trabalho dos jornalistas, proteger sua reputação e auxiliar seus dependentes. “Outro aspecto importante no processo de profissionalização é o desenvolvimento da formação e do ensino” (TRAQUINA, 2005, p. 83), complementa o autor. França e Estados Unidos foram os pioneiros dos estudos da área no ensino superior. As aulas eram basicamente sobre escrita e edição e quem lecionava eram os escritores mais antigos dos jornais. Já na metade do século XX, desenvolveram-se os programas de mestrado e doutorado em jornalismo, primeiramente nos Estados Unidos. O interesse e o ingresso de estudantes no curso crescem até hoje.

Barbeiro e Rangel (2013) acreditam que a reportagem é a alma e a essência do jornalismo. “Uma boa reportagem depende de boas perguntas feitas para as pessoas certas no momento adequado” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 20), explicam. Reportagem não é uma notificação de algo; nela é preciso o detalhamento e a exploração de um ângulo antes não utilizado. Os autores chamam a atenção de que “uma reportagem não termina depois que o material é enviado para a redação” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 22), é necessário um acompanhamento na sua montagem e sua exibição também. Essa reportagem inicia pela elaboração da pauta. “Ela diz ao repórter o que está acontecendo, onde e quem deve ser entrevistado” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 24), explicam Barbeiro e Rangel. A pauta deve ser bem preparada e detalhada, para ajudar na execução de uma boa reportagem. Barbeiro e Rangel (2013) acreditam que o pensamento deve estar presente do início ao fim da matéria, passando pela pauta. Para tudo isso, é necessária uma boa produção. Os autores explicam que o produtor é um repórter antes de tudo: “deve pensar como tal e sempre que possível fazer uma pré-entrevista com a fonte que irá participar do programa” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.30). O profissional que exerce a função de produtor deve sempre usar a criatividade, para não ficar conhecido como um secretário que agenda entrevistas. A entrevista “é a grande estrela” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 35), definem Barbeiro e

Rangel. É a partir dela que o profissional tem a informação exclusiva. E, por fim, é necessária uma boa edição. Barbeiro e Rangel exemplificam uma edição a partir da televisão: “editar uma reportagem para TV é como contar uma história, e, portanto, precisa de uma sequência lógica. Pelas características a essa história contada exige boa combinação de imagens e sons.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.42)

Existem dez grandes desafios do jornalismo para Barbeiro e Rangel (2013). São eles: o desafio do tempo e do espaço; da justiça; do serviço; do serviço aos anunciantes; da comunicação; da criatividade; da juventude; de homens e mulheres; da normalidade e da paixão.

1.1 JORNALISMO ESPORTIVO

O primeiro retrato do lado comunicacional do esporte – e da competição-, veio a partir da importância do vencedor, acredita Antonio Alcoba López (2005). O segundo deu-se através da espetacularização, com a emoção da plateia ao assistir a desenvoltura dos atletas em campo. O autor acredita que *“la aceptación del juego y su propagación es imparable. Traspasa todos los ámbitos de la sociedad y es acogido por las fuerzas religiosas, militares y políticas de los Estados”* (ALCOBA, 2005, p. 20) através da valorização ao vencedor, da premiação que atrai o interesse da população. A profissionalização dos jogadores criou também o profissionalismo das casas de apostas, o que fez com que os governantes apoiassem o trabalho de jornalistas para cobrirem as partidas. *“El juego crea el ambiente propicio para ofrecer una actividad que, al desarrollarse de forma voluntaria, permite evadirse de los problemas cotidianos y, a su vez, contemplada por quienes no la efectúan, genera un interés asimilado al que hoy provoca el espectáculo.”* (ALCOBA, 2005, p. 21) Mas ele lembra que a “escala espetacular do esporte” não é proveniente dos dias de hoje ou do século XX, mas tão antiga como a prática do mesmo.

Alcoba acredita que *“los medios de comunicación son el mejor exponente de la importancia del deporte, y los periodistas desportivos, los profesionales de la información que poseen la llave que abre la espita de sentimientos positivos o negativos entre los aficionados”* (ALCOBA, 2005, p. 30), mas que isso não é desculpa para culpar os jornalistas esportivos de o esporte ser a atividade mais praticada e que mais circula informação no mundo. O esporte ocupa essa posição porque integra todos os setores da sociedade e porque traz benefícios para o homem.

Segundo o autor, a informação e a comunicação começaram desde a primeira vez que o nosso ancestral contou para seus companheiros o que viu seu amigo lançador de pedra fazer. Alcoba (2005) acredita que o informe sobre os feitos, as vitórias e as derrotas é muito similar a antigamente, mas tornou-se assunto de interesse da imprensa quando as façanhas dos atletas anônimos ultrapassaram a área concreta de uma fazenda, um povo e uma cidade. O primeiro caso da imprensa surgiu da luta, de algo similar ao boxe, do cozinheiro do Lorde Smith contra o padeiro do Duque de Bridge. Alcoba descreve a evolução:

Poco a poco las notas sobre deporte se fueron ampliando con artículos descriptivos de los juegos y deportes más practicados, los aspectos que lá práctica del deporte suponía para la salud, con la difusión de tablas de gimnasia, apuntes y confrontaciones entre deportistas de los incipientes clubs nacidos por la aureola de la moda del sport, que desde Inglaterra se extendió por Europa. (ALCOBA, 2005, p. 38)

Em 1828, na cidade de Paris, surgiu uma revista dedicada ao esporte chamada Journal des Haras e em 1852, na Inglaterra, o primeiro jornal esportivo, o Sportman. Com o passar dos anos, novas publicações foram nascendo em toda Europa. Alcoba (2005) considera como um dos feitos mais significativos do jornalismo esportivo a inclusão do esporte nas páginas do The New York Journal, que aconteceu a pedido do proprietário Willian Randolph Hearst, em 1895. Começou com notícias principalmente sobre corridas de cavalos e foi expandindo. Isto obrigou seus concorrentes a também darem espaço para os feitos esportivos.

A partir da inclusão dos esportes nos jornais, as rádios passaram a noticiar os eventos. Teve sucesso imediato, visto a rapidez que o meio de comunicação possui. Mas o começo das transmissões foi um tanto quanto conturbado, pois, além da falta de qualidade técnica dos equipamentos, os organizadores acreditavam que assim eles estariam afastando as pessoas dos locais de competição. O que não foi tão complicado foi a transmissão televisiva. A primeira de grande porte ocorreu nas Olimpíadas de Berlim, em 1936:

Las cadenas de televisión, inmersas en el deseo de obtener beneficios, pronto se dieron cuenta de que el deporte podía ser uno de los atractivos que enganchara a los televidentes y no dudaron en apostar por él, hasta el punto de haberse convertido en el presupuesto más importante de las cadenas de televisión. (ALCOBA, 2005, p. 40)

Alcoba (2005) entende que os jornalistas especializados em esportes surgiram depois. Não eram aqueles que começaram escrevendo notas sobre as competições. Talvez fossem aqueles que descreviam os confrontos com emoção, como Homero, da Ilíada, ou Miguel de Cervantes, quando escreveu Don Quixote ou até mesmo “*¿Podría haber sido periodista deportivo el apóstol San Pablo?*” (ALCOBA, 2005, p. 48) Mas ele entende que com a maior visibilidade das notícias foi necessário uma maior capacidade dos jornalistas:

Finalmente, em las redacciones de los periódicos, y luego em las de los medios audiovisuales, surgen periodistas que al percatarse de la laguna existente para el

tratamiento del deporte y el interés que éste provocaba en los lectores, decidieron pasar de unos géneros en los que la competencia era muy grande al tratamiento periodístico del deporte, sin importales que ese cambio pudiera tener reflejo en su prestigio intelectual, pues la información deportiva se pensó que era vulgar, con expresiones no adecuadas a la trayectoria de la literatura y por estar destinada a un público escassamente cultivado. Con el passo del tempo se comprendería cuán equivocados estuvieron quienes de esa forma pensaban y despreciaban al periodismo deportivo. (ALCOBA, 2005, p. 50)

No Brasil, Coelho (2013) acredita que Graciliano Ramos tenha sido o primeiro “palpiteiro” sobre esportes. “Palpiteiro, sim, daqueles que até hoje enchem as noites de domingo” (COELHO, 2013, p.7), afirma o autor. No início poucas pessoas acreditavam que o futebol pudesse vir a estampar as manchetes dos jornais. Nem mesmo o remo, que era o esporte mais popular da época, tinha esse prestígio. “Desde quando o futebol chegou ao Brasil, a imprensa esportiva, de alguma forma, esteve envolvida com este esporte” (RANGEL, 2008, p. 34), conta Rangel. Em 1910, começou a surgir a divulgação esportiva no jornal Fanfulla, de São Paulo. Não era um periódico voltado para um público específico, mas cada vez mais conquistava adeptos na cidade. Principalmente os italianos que, a partir do jornal, fundaram o Palestra Itália – futura Sociedade Esportiva Palmeiras. O folhetim não era exatamente jornalismo esportivo, mas servia como registro das primeiras partidas da equipe. “Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte” (COELHO, 2013, p.9), conta Coelho.

Os jogos dos clubes do Rio de Janeiro foram ganhando destaque nos jornais aos poucos. Coelho (2013) acredita que o que faltava para a massificação do futebol era a popularização do esporte no país. Ela se deu a partir da conquista da segunda divisão carioca pelo Vasco da Gama, em 1923, com a presença de negros na equipe. Oito anos depois, surgiu a primeira publicação diária dedicada exclusivamente aos esportes: o Jornal dos Sports, do Rio de Janeiro. A Gazeta Esportiva foi criada em 1928 com um suplemento da publicação A Gazeta. Tornou-se independente somente em 1947.

O preconceito com esses diários existia. Acreditava-se que somente as pessoas de menor poder aquisitivo e cultural liam esse tipo de jornal. Coelho (2013) explica que como ler não era nenhuma prioridade nesta época, quase não sobrava dinheiro para comprar publicações de qualidade voltadas ao esporte. Rangel (2008) comenta que a população tinha dificuldade também em compreender a mensagem contida nos jornais, visto que eram usados muitos termos técnicos e em outras línguas, como o inglês.

Muitas revistas e jornais especializados surgiram e desapareceram em seguida, como é o caso da Revista do Esporte e do O Jornal. Foi somente no final da década de 1960 que o Brasil passou a ter de fato diversos cadernos esportivos nas publicações diárias. Com a criação do Jornal da Tarde o jornalismo esportivo passou a enxergar não só dentro dos campos, mas também fora das quatro linhas. “Os bastidores do mundo do esporte ainda são pouco conhecidos pela sociedade, pouco divulgados e são raros, infelizmente, os profissionais que se dedicam a uma cobertura crítica do esporte” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 119), concluem Barbeiro e Rangel.

A paixão do brasileiro pelo futebol veio depois da primeira conquista mundial da Seleção Brasileira. Os relatos emocionados surgiram nos jornais cariocas, escritos pelos irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues. Coelho conta sobre Mário que “foi ele o fundador do Jornal dos Sports, no início dos anos 1930, na mesma época em que o futebol ganhou de vez cara de profissional.” (COELHO, 2013, p. 16) Nelson Rodrigues era míope e não enxergava direito ao assistir uma partida de futebol. Coelho fala que “e daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam”. (COELHO, 2013, p. 17) Era muitas vezes por causa dessas crônicas apaixonadas que o torcedor comparecia ao estádio na partida seguinte. Ele também queria sentir e, principalmente, ver de perto o que se passava nas histórias contadas pelos irmãos escritores. Até mesmo um jogo ruim virava um romance. “A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses” (COELHO, 2013, p. 18), explica Coelho. Barbeiro e Rangel acreditam que a emoção é a alma do esporte, “em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos”. (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 45) Os autores concordam com Coelho de que um bom jornalismo é feito com emoção, mas lembram do compromisso com a verdade firmado pela profissão. “A emoção deve estar na dose certa e sempre ser recheada de isenção. Aliás, isenção é uma meta que deve ser perseguida todos os dias” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 46), afirmam Barbeiro e Rangel.

A precisão do jornalismo esportivo foi crescendo conforme os veículos de imprensa assumiram o compromisso de apenas contar a verdade. Mas Coelho (2013) acredita que isso também tem seu lado ruim: “o resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já merecem lugar na história.” (COELHO, 2013, p. 19) Ele entende que a verdade e a opinião acabam andando lado a lado e sua diferenciação fica muito difícil de ser feita. “A noção de realidade que o

jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção de realidade” (COELHO, 2013, p. 22), argumenta Coelho. Barbeiro e Rangel complementam afirmando que ele pode parecer muitas coisas: “ele se confunde, frequentemente, com puro entretenimento.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 13)

A internet fez o jornalismo em geral se modificar. No seu começo, muitos empresários começaram a investir. Na área do esporte não foi diferente. Sites especializados surgiram e retiraram muitos profissionais experientes de grandes veículos. Mas não havia o know-how de como manter esse novo tipo de negócio e muitos sites faliram. Coelho (2013) conta que muitos jornalistas competentes ficaram de fora do mercado e até hoje não voltaram para a área do esporte. Suas antigas vagas foram substituídas por jovens aprendizes que recebiam um salário menor. “É duro ter chance em um mercado que solta milhares de jornalistas formados todos os anos. É duro manter o salário elevado por muito tempo se há tanta oferta de novos profissionais sedentos de chance” (COELHO, 2013, p. 26), explica o autor. A editoria de esporte não é conhecida como a que concentra o melhor salário, mas é sempre a mais procurada por jovens recém-saídos da faculdade.

A argumentação usada nos primórdios do jornalismo esportivo para a falta de especialização – ou de vontade dos donos de jornais – era de que todo mundo entende de esporte. Mas e a política? Ah, a política apenas uma pessoa especializada poderia entender. “*Se situaba al deporte y a los periodistas deportivos em la postura de matéria e informadores de escassa relevância*” (ALCOBA, 2005, p. 65), explica Alcoba. Com o maior apelo do público e a expansão das matérias de esporte para assuntos políticos e econômicos, os empresários e os próprios jornalistas se deram conta que era hora de dar atenção para essa especialização. Entretanto a maior capacitação do profissional não trouxe para ele o direito de analisar com propriedade todos esportes do mundo. Tal capacitação é direcionada para uma área específica, mas traz a experiência do âmbito esportivo. Até porque “*el periodista especializado em atletismo debe dedicar todo su tempo a tratar este deporte por las siguientes cuestiones. Los practicantes, hombres y mujeres, pertenecen a diversas categorías. Estas categorías tienen sus competiciones independientes las unas de las otras.*” (ALCOBA, 2005, p. 68)

Um bom profissional, segundo Alcoba, seria aquele que conhece o máximo de aspectos e situações possíveis nessa modalidade, para estar sempre atento ao que possa vir ocorrer, sem deixar dúvidas. Isso inclui áreas aparentemente não aprofundadas pelo jornalista, como a das estatísticas ou da medicina (para entender o que se passa com o atleta). “*Los*

buenos periodistas deportivos no se caracterizan por escribir y hablar con conocimiento de causa sobre el deporte o los deportes que traten; son excelentes periodistas porque van más allá de la propia actualidad de la noticia deportiva.” (ALCOBA, 2005, p. 71)

Começamos a compreender a formação da notícia esportiva a partir de uma estrutura. Essa estrutura começa pela área geográfica que organiza a competição. Ela pode ser local, regional, nacional ou internacional, o que pode ou não dificultar o acesso do jornalista à informação. Se for regional, o jornalista está sujeito ao convívio diário com os atletas, o que pode lhe gerar mais informações exclusivas ou uma maior pressão na elaboração de matérias favoráveis. Em âmbito nacional, além de muitas vezes a cobertura ser mais distante e com maior concorrência, o profissional não é reconhecido por todos – com exceção dos grandes repórteres que possuem uma maior exibição.

O próximo passo da notícia é a fonte. Alcoba (2005) explica que a fonte é a origem da notícia e que ela chega ao jornalista por diversos interesses, o que pode fazer com que seu verdadeiro sentido mude e acabe, assim, desinformando. *“De ahí la importancia de conocer las intenciones de la fuente desde donde se distribuye la noticia.”* (ALCOBA, 2005, p. 78). O autor divide as fontes do mundo do esporte em duas categorias: primárias ou secundárias. As primárias se subdividem entre atletas, clubes, federações, organizações e entidades. As secundárias em comercial e publicitária. Essas fontes na maioria das vezes apresentam notícias positivas, por fazer parte do grupo. Cabe ao jornalista separar a notícia das intenções da fonte. *“Às vezes os presidentes de clubes são donos de jornais, rádios e tevês. Se todos os jornalistas devem tomar cuidado com o envolvimento com as fontes, e os poderes econômico e político, o esportivo tem de ficar ainda mais atento”* (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 119), explicam Barbeiro e Rangel. Soares e Michel exemplificam as fontes como *“atletas e dirigentes de clubes e entidades esportivas, autoridades, profissionais que atuam tais como treinadores, fisioterapeutas, médicos, profissionais de educação física (entre outros), e o grande sustentáculo disto tudo, os torcedores.”* (SOARES e MICHEL, 2009, p. 4)

Os tipos de fontes que não são exatamente pessoas físicas são as coletivas de imprensa, os rumores que surgem, a leitura entre linhas dos acontecimentos e os documentos. *“Si la fuente es el origen de la noticia, la mejor fuente será el periodista.”* (ALCOBA, 2005, p. 97) As empresas contam também para produção de notícias com os enviados especiais para competições ou partidas importantes, os correspondentes em outras cidades, as agências de notícias que produzem materiais sobre os jogos e competições, os *freelancers* que fazem participações esporádicas quando necessárias e o restante da imprensa: seus concorrentes. Ao escrever uma matéria, o jornalista sempre terá seu ponto de vista e sua opinião, mas quanto

mais preparado ele estiver, menor será a subjetividade. Para que essa objetividade seja clara, é preciso que o profissional seja livre para expor o que sabe.

Nas redações dos jornais, o jornalista esportivo é considerado um privilegiado, porque trabalha com o que gosta e também por ser o que mais viaja. Mas Barbeiro e Rangel acreditam que “é uma editoria como outra qualquer e o que vale é ser o mais profissional possível.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 95) Isso o transforma em uma pessoa conhecida que tem a possibilidade de conviver com qualquer personalidade porque o seu trabalho tem visibilidade de todos os setores da população, principalmente os profissionais de televisão que têm sua imagem explorada. Barbeiro e Rangel deixam bem claro que jornalista não é artista. “O jornalista trata apenas com fatos, os artistas vivem da ficção” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 92), explicam. Tem de ficar clara sempre a busca constante pela isenção. Porém tudo tem seu lado ruim. O jornalista esportivo trabalha nos dias em que a grande maioria da população está descansando; quando a partida acaba, não pode ir embora, tem que permanecer para a apuração do pós-jogo; os horários de trabalho não tem uma definição precisa. Alcoba define o profissional como: “*um esclavo de la profesión, a la que adora y permanece fiel.*” (ALCOBA, 2005, p. 100).

A linguagem usada para descrever o esporte vem mudando dia após dia, juntamente com a sociedade. Barbeiro e Rangel contam que “em 1932, início das transmissões esportivas no rádio [brasileiro], a linguagem usada era a da pura emoção.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 54) Os autores acreditam que a linguagem jornalística esportiva muda de veículo para veículo. Para um jornalista esportivo desenvolver um bom trabalho é preciso entender a evolução do esporte e de tudo ao seu redor. Alcoba acredita que:

El idioma del deporte es más extenso y debe encajarse en otras variable, enmarcadas en la multiplicidad terminológica, audiovisual, bélica, escueta, semiológica y artística, de manera que todo ello conduce a una pluralidad de palabras con significados vários, que pueden insertarse en diferentes contextos, como luego expondremos. (ALCOBA, 2005, p. 118)

Existem três aspectos interpretativos do jornalismo esportivo, segundo Alcoba (2005). São eles: oral, visual ou icônico e audiovisual. A rádio divulga a informação através das palavras e dos sons. A imprensa escrita passa através das palavras ou icônico através das imagens contidas no jornal ou revista. E a televisão contém as imagens e as palavras.

Quando a publicação esportiva faz parte de um jornal ou telejornal não específico de esporte, o espaço para o mesmo é reduzido. Como não cabem todas as informações sobre todos os esportes, foi dada a preferência para as modalidades espetáculo por serem mais populares. Dessa maneira nem toda população fica satisfeita. Foi por isso que

surgiram os programas e revistas especializadas em esportes ou modalidades específicas. Mesmo assim essa nova demanda não solucionou todo problema. Então vieram os diários esportivos. “*Los dos tipos de periódicos, de información general y deportivos, em razón a la temática a tratar, diferenciaron su forma y estilo de realizar y presentar la información del deporte*” (ALCOBA, 2005, p. 155), explica Alcoba. Enquanto a imprensa de assuntos gerais regula o espaço destinado ao esporte de acordo com a importância das competições vigentes, as publicações especializadas em esportes tratam o assunto com maior profundidade e conteúdo, chegando, até mesmo, a ter um ar literário. Rangel afirma que “presente desde o final do século XIX no país, o jornalismo esportivo já passou por diversas transformações e hoje é um nicho importante na imprensa brasileira. Quase todos os grandes jornais do país possuem os cadernos esportivos.” (RANGEL, 2008, p. 37)

As redações esportivas, na maioria das vezes, são formadas por alguns jornalistas com um prestígio no mercado, outros sem experiência, por ser mais baratos um considerável número de estudantes, alguns colaboradores e um pouco de informação das agências de notícias. Alcoba (2005) considera isso um grave erro, porque em grande parte das vezes o leitor entende mais de esporte que o próprio profissional. “*El cimienta de um diário deportivo se encuentra em el número de periodistas especializados em determinados deportes*” (ALCOBA, 2005, p. 158), afirma o autor. Tendo essa base, aí sim é possível investir em jovens sem experiência para que eles possam aprender.

Alcoba (2005) acredita que o maior problema da profissão venha das universidades e faculdades de jornalismo, pois elas não preparam o aluno para a especialização, jogam o profissional no mercado apenas com conhecimentos gerais. “*Com el paso de los años y la competencia entre medios, la prensa deportiva ha perdido algunas de las peculiaridades que la llevaron a las posiciones que hoy ocupa*”, (ALCOBA, 2005, p. 160) entende Alcoba. Barbeiro e Rangel completam dizendo que “muitas faculdades não têm (ainda) um curso de jornalismo esportivo para adequar os princípios gerais do jornalismo com o esporte. Uma falta grave.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 105) Isso se dá em função da qualidade de pessoas que montam o jornal (ou a programação de rádio e televisão) e das agências de notícias usadas como fontes.

Os antigos textos com teor literário passaram a serem textos com uma opinião formada sem uma explicação plausível. Alcoba (2005) entende que é uma nova forma de informar, mas primária, pois não dá espaço para o pensamento crítico do leitor. Isso tudo é devido às novas tendências de que textos curtos são mais atrativos ao público. “*Tal postura destruye el periodismo de análisis que debe llevar la crónica de um partido, a la vez que prescinde de*

comparaciones com hechos similares y, por supuesto, del complemento literário” (ALCOBA, 2005, p. 161). O autor ainda reforça sua opinião explicando que tudo está reduzido em uma coluna, sendo que as opiniões e investigações deveriam ser feitas com mais aprofundamento, além de documentação e análises. Outra razão para que crônica esportiva fique rasa é a rapidez com que tudo tem que ser feito. Muitas vezes o repórter acaba acompanhando o jogo pela televisão, pois é mais fácil e ágil de concluir a matéria, sem estar presente no foco da notícia. Ou até mesmo exerce seu papel de jornalista de dentro do jornal, sem nem mesmo sair da redação. Dessa maneira o jornalista está na mesma posição que o leitor – que na maioria das vezes não sabe disto. Alcoba explica que:

Para el medio es más rentable esta situación laboral, que se compagina com la propia del periodista, que darles libertad para buscar noticias fuera de la redacción, en parte porque al dedicar la mayor parte de las páginas a unos contados deportes, lo que suceda em los otros no tiene relevancia. (ALCOBA, 2005, p. 164)

“*Tanto la libertad como el derecho a la información son pura demagogia.*” (ALCOBA, 2005, p.162), conclui o autor. Ele completa ainda dizendo que a liberdade de expressão permite os donos dos veículos publicarem o que quiserem e o direito a informação é opcional às entidades. Ou seja, na prática, a teoria é outra.

A ética do jornalismo está presente no jornalismo esportivo também. E possui a mesma importância. “A ética é uma percepção do mundo dinâmico, uma vez que a sociedade se altera constantemente, e é preciso identificar onde estão os atributos virtuosos” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 115), definem Barbeiro e Rangel. Eles acreditam que ela tem sido o principal balizador do desenvolvimento esportivo, desde os tempos da Antiguidade greco-romana. Um dos pontos que deve ser cuidado é a amizade com os atletas e dirigentes. Tem de se saber separar as amizades do relacionamento profissional. “Não jogue no time do cartola ou do jogador. O segredo da profissão é respeito ao trabalho alheio e isenção” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 115), exemplificam.

O conhecimento adquirido em uma faculdade de jornalismo sobre a especialização na área do esporte é sempre muito pequeno. Até porque existem muitas vertentes a serem exploradas. Barbeiro e Rangel lembram que “jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social”. (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 13) Ao entrar no mercado de trabalho é necessária uma maior busca de informações sobre sua área de interesse – apesar de serem muitas coisas a se aprender. Ter o diploma não significa estar apto para exercer a função de um jornalista sem conhecer nada a mais. Alcoba explica que “*el mero hecho de haber conseguido un título académico [...] no confiere considerarse como um experimentado*

periodista; se es licenciado en periodismo, no periodista em el sentido de saber actuar como tal.” (ALCOBA, 2005, p. 180-181). Para Coelho (2013), o diploma também não é o mais importante. O que importa é o conhecimento: “o conhecimento adquirido poderá permitir-lhe maior compreensão dos fatos, o que certamente lhe facilitará o contato com as fontes e lhe dará condição de construir matérias muito mais detalhadas do que seu colega sem a mesma cultura específica.” (COELHO, 2013, p. 44) Ele completa dizendo que não basta apenas o conhecimento técnico, é preciso saber construir uma boa história, priorizar a informação e escrever um texto atraente: “tudo isso é bom jornalismo. É a síntese da profissão, que vive de apurar informações inéditas e construir matérias corretas. O que não exclui que, quanto mais bem formado for o jornalista, mais fácil será adquirir técnica.” (COELHO, 2013, p. 41)

Algumas maneiras de se estar bem preparado é sempre ter o maior número de informações, fichas e dados sobre o esporte de maior interesse, pois são muitos e não é possível saber tudo sobre todos e uma agenda com os números de telefone das personalidades envolvidas no meio esportivo – guardar sempre, principalmente aqueles que são difíceis de conseguir. Também é recomendado sempre ouvir os conselhos dos mais experientes. Entender que a informação nem sempre é proveniente de uma entrevista exclusiva, ela pode estar escondida em uma coletiva de imprensa ou fatos não tão chamativos. Ela pode vir de uma maneira fácil através de um dirigente – sempre é necessário entender as segundas intenções do mandatário quando divulgada tal notícia. Estar sempre atrás da matéria exclusiva e do furo de reportagem não significa que todos ao seu redor são seus inimigos e irão roubar suas pautas. Os jornalistas são companheiros e muitas vezes frequentam durante muito tempo os mesmo lugares de trabalho. Barbeiro e Rangel exaltam que “o jornalista esportivo, pela tipicidade do seu trabalho, precisa estar apto a lidar com frustrações, controlar emoções e se relacionar com pessoas.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 48) Alcoba (2005) considera que a humildade, a paciência e a perseverança são as principais características que um jornalista esportivo deve ter.

2 TELEVISÃO

Mattos (2010) explica que a história da televisão no Brasil começa oficialmente em 1950. A TV Tupi foi inaugurada em 1950, no Rio de Janeiro, mas com dificuldades técnicas só entrou no ar no ano seguinte. Mas no dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo, foi ao ar a primeira emissora do Brasil, a TV Tupi-Difusora. O canal fazia parte do grupo Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand – o maior do ramo da comunicação no país. A imprensa escrita e o rádio já duelavam pela audiência, mas Chatô acreditava que a televisão podia “roubar” dos demais veículos a atenção do público.

A infraestrutura das emissoras de televisão era muito precária, apesar dos investimentos milionários. Ribeiro conta que um exemplo era a TV Tupi: “que entrou no ar a partir de 1951, com instalações acanhadas, espremida no quinto andar de um prédio na Avenida Venezuela, centro do Rio de Janeiro. Ficou famosa a Coluna da Tupi que, frequentemente, aparecia nas gravações dos programas da emissora.” (RIBEIRO, 2007, p. 142)

Em São Paulo, surgiu a segunda emissora de televisão brasileira: a TV Paulista. Ela também possuía instalações precárias, localizadas em um prédio na Rua Consolação, no centro da cidade. A emissora era uma concessão ganha pelo então deputado federal, Ortiz Monteiro. Apenas dois anos depois a televisão teve novas instalações, com a direção das Organizações Victor Costa, que passaria depois a ser dona também das rádios Excelsior e Nacional, explica Ribeiro (2007).

A próxima emissora a ser criada foi a TV Record. No dia 27 de setembro de 1953, entrava no ar a tevê em São Paulo, um empreendimento do empresário Paulo Machado de Carvalho. Mattos explica que ela “foi a primeira emissora a ser inaugurada em prédio construído especificamente para a televisão.” (MATTOS, 2010, p. 199) E para montar sua equipe, muitos profissionais da TV Paulista foram contratados. “Investir em televisão passou a ser quase uma obrigação para o empresário” (RIBEIRO, 2007, p. 144), conta Ribeiro. Mais tarde já na década de 1990, o bispo Edir Macedo comprou o canal, com o objetivo de “fazer com que a TV Record chegue ao nível da Rede Globo nos diversos segmentos, como teledramaturgia e jornalismo” (SETTE, 2010, p. 22), explica Sette.

Depois surgiu a TV Rio. Ela entrou no ar dia 17 de julho de 1955 e pertencia ao cunhado de Paulo Machado de Carvalho, João Batista do Amaral, conhecido como Pipa Amaral. “Os equipamentos e as instalações precárias, em um antigo prédio na Avenida Atlântica, em frente ao posto seis de Copacabana, não impediram que a TV Rio se transformasse em sucesso absoluto no Rio de Janeiro” (RIBEIRO, 2007, p. 154), explica Ribeiro. No início dos serviços, seus principais profissionais eram artistas da Rádio Mayrink Veiga, liderados por Walter Clark.

No dia primeiro de julho de 1956, aconteceu o jogo entre Brasil e Itália. A Seleção brasileira venceu por dois a zero. O confronto ocorreu no estádio Maracanã e foi transmitido pela televisão. Ribeiro acredita que "o futebol brasileiro seria responsável direto pelo aumento na procura por aparelhos de televisão, ainda bem pequena no país." (RIBEIRO, 2007, p. 157)

Em 1959, a TV Continental operou pela primeira vez. Ela pertencia às Organizações Rubens Bernardo S.A. e a Companhia Cinematográfica Flama. Um de seus donos, Bernardo, era proprietário também das rádios Continental e Metropolitana. Mattos conta que “em 1960 já existiam vinte emissoras de TV espalhadas pelas principais cidades brasileiras e cerca de 1,8 milhões de televisores.” (MATTOS, 2010, p. 202)

"Fazer televisão no Brasil começava a ser um grande negócio. A disputa entre Paulista, Tupi e Record, as principais emissoras do país, obrigava seus proprietários a modernizar rapidamente suas estruturas" (RIBEIRO, 2007, p.180), relata Ribeiro. Depois da morte do empresário do grupo Organizações Victor Costa que comandava a TV Paulista, em dezembro de 1959, a emissora entrou em declínio. "Pouco antes de morrer, Victor Costa tinha recebido a concessão de um segundo canal de televisão na cidade de São Paulo, o canal 9, TV Excelsior" (RIBEIRO, 2007, p. 180), explica o autor. A emissora existia apenas no papel, mas um grupo de gestores comprou a concessão do canal. Ela entrou no ar, em São Paulo, no dia 9 de julho de 1960 e dois anos depois no Rio de Janeiro. "Com apenas seis meses no ar, a Excelsior de São Paulo já disputava a liderança da audiência, e o segredo era um só: profissionalismo" (RIBEIRO, 2007, p. 180), observa o autor. Ribeiro (2007) acredita que isso ocorreu porque ela foi a primeira emissora industrial, e não familiar. A tevê contratou quase cem funcionários da TV Rio e muitos outros profissionais de qualidade.

A televisão começou a crescer no Brasil. No ano de 1962 ela conseguiu captar mais verbas de publicidade que o rádio e o jornal pela primeira vez na história. Os investimentos publicitários do país na tevê representavam 24% do total, segundo Mattos (2010). “Investir

em novas ideias significava ampliar ainda mais o poderio da televisão diante do público consumidor do esporte, especialmente dos fanáticos torcedores do futebol” (RIBEIRO, 2007, p. 190), explica Ribeiro.

Com o golpe militar, em 1964, o destino de muitos veículos de comunicação brasileiros foi fechar. A TV Excelsior, por exemplo, encerrou as atividades seis anos após o golpe, mas já vinha decadente desde quatro anos antes. A TV Continental teve seu departamento de esporte desmontado por falta de anunciantes. Cheia de dívidas, a TV Paulista foi vendida para a TV Globo. A tevê Rio também passava por dificuldades financeiras.

A TV Globo foi fundada em 1965, pelo grupo pertencente ao empresário Roberto Marinho, que anos antes tinha firmado um contrato operacional com o grupo dos Estados Unidos, *Time-Life*. O início de sua história está relacionado com a ditadura militar brasileira. Savenhago explica que “o governo precisava de um canal de difusão de uma propaganda positiva do Brasil – suas belezas naturais e suas conquistas – abriu-se o campo para uma emissora poderosa.” (SAVENHAGO, 2011, p. 27) Entre os privilégios que a emissora recebeu estava a maior fatia de publicidade do governo.

Savenhago relata que “a venda de aparelhos crescia a cada dia e a fidelidade para com a Globo também, visto que, em matéria de profissionalismo, ela já figurava à frente de outros canais, como a Excelsior, por exemplo.” (SAVENHAGO, 2011, p. 27) O padrão de qualidade usado pela empresa também era admirado por todos, e Roberto Marinho sabia que o que fosse vinculado em seu canal seria aceito pela população. O autor mostra como a ditadura estava presente na emissora: “as mazelas que a ditadura causava no país eram amenizadas pelo discurso lúdico, através de programas e novelas que mostravam um país sem problemas”. (SAVENHAGO, 2011, p. 27)

A Televisão Bandeirantes foi ao ar no dia 13 de maio de 1967, no bairro Morumbi, em São Paulo. Ela pertencia ao Grupo Bandeirantes de Comunicação, do empresário João Saad. Três anos depois, foi a vez de a tevê Tupi fechar as portas, pois estava em crise, mesmo fazendo sucesso entre a população. “Na Tupi era assim. A popularidade dos que apareciam na tela impressionava” (RIBEIRO, 2007, p. 215), complementa Ribeiro. No mesmo ano, foi criada a TV Gazeta, da Fundação Cásper Líbero, em São Paulo.

Em 1968 foi criada a TV Cultura, pertencente à Fundação Padre Anchieta, do mesmo grupo dono das rádios Cultura AM e Cultura FM. Em maio de 1980, a TV Tupi encerrou suas

atividades. Com menos uma emissora no mercado, a Globo aumentou suas forças no mercado.

Em 1981, o empresário Silvio Santos ganhou a concessão de algumas emissoras e inaugurou o Sistema Brasileiro de Televisão. Em agosto de 1982, o Grupo Abril criou a TV Abril, que oito anos depois faria uma parceria com a *Music Television* dos Estados Unidos para abrir a MTV Brasil, primeiro canal segmentado do país. No ano seguinte foi a vez da inauguração da TV Manchete, no dia 5 de junho. Mesmo com um investimento de 50 milhões de dólares e equipamentos de última geração não demorou a fechar as portas. Sette conta que “depois de muitas crises financeiras, a Manchete é vendida para o grupo TeleTV de telemarketing e fecha as portas em 1999.” (SETTE, 2010, p. 23)

No início dos anos 1990, foi criada a Globosat, empresa de canais por assinatura pertencente às Organizações Globo. Juntamente com ela, foi montado o primeiro canal totalmente dedicado aos esportes no Brasil, o SporTV. Logo depois, veio, nos mesmos moldes, a TVA Esportes, pertencente ao Grupo Abril. “Se em décadas passadas todos duvidavam que uma programação esportiva no rádio pudesse fazer sucesso, agora o Brasil passava a ter não um, mas dois canais específicos de esportes na TV a cabo, mais o conteúdo gerado pelas emissoras de canal aberto” (RIBEIRO, 2007, p. 279), observa Ribeiro.

A televisão é considerada um meio de massa, um meio popular. Podemos entender esse fato a partir da constatação de que muitas teorias sociais são construídas com base na inserção da tevê nos meios econômicos e políticos, constata Machado (2003). Mesmo assim o autor considera que “a televisão permanece, desde a sua difusão massiva depois da Segunda Guerra Mundial, o mais desconhecido dos sistemas de expressão do nosso tempo.” (MACHADO, 2003, p. 16) Ele acredita que é necessário se entender televisão de uma perspectiva diferente do lado bom ou o ruim, e sim como um conjunto, como um corpus:

Televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público. (MACHADO, 2003, p. 20)

Machado (2003) entende que está surgindo uma nova maneira de pensar televisão. “Aos poucos, a televisão sai do purgatório ou do gueto especializado dos sociólogos,

tecnólogos e estrategistas de marketing, e passa a ser encarada como indiscutível fato da cultura de nosso tempo” (MACHADO, 2003, p. 21), explica o autor.

A preocupação com o produto e a expressão televisão de qualidade (*quality television*) só passaram a importar e aparecer nos anos 1980, na Inglaterra. Passou a se ter uma maneira nova de abordar a televisão pelos estudiosos e críticos, apesar de nenhum deles ter conseguido definir tal qualidade, conta Machado (2003). Anteriormente, a chamada qualidade era mais usada na idade de ouro da televisão, entre os anos 1947 e 1960, antes da sua generalização e popularização. O autor acredita que a qualidade não é um consenso entre todos. Há quem acredite que deve haver um alcance estético até mesmo nos programas de massa. “Em alguns contextos teóricos, a qualidade em televisão não pode ser nada mais do que a difusão ampla das obras produzidas por um passado respeitável: as óperas, os concertos ou as suntuosas e caras “adaptações” de clássicos da literatura e do teatro” (MACHADO, 2003, p. 23), explica Machado.

Quem defende a televisão de qualidade entende que “a demanda comercial e o contexto industrial não inviabilizam necessariamente a criação artística” (MACHADO, 2003, p. 23), relata o autor. Dependendo da época, sua arte é feita de maneira distinta, e é nisso que os defensores da televisão de qualidade creem. Porém Machado (2003) acredita que há problemas com a definição do termo, pois é utilizado por diferentes significados de “qualidade”. Apesar de podermos usar essa vasta extensão de qualidade como um modo de expandir os padrões do que seria bom. “De qualquer forma, sejam quais forem as nossas concepções com relação à televisão, a discussão sobre qualidade é sempre imprescindível” (MACHADO, 2003, p. 25), observa o autor.

Machado considera como programa de tevê “qualquer série sintagmática que possa ser tomada como uma singularidade distintiva, com relações às outras séries sintagmáticas da televisão.” (MACHADO, 2003, p. 27) O próprio autor relata que há alguns equívocos nessa definição, pois as emissoras costumam colocar um programa dentro do outro, o que acaba saindo do contexto. Dessa forma, Machado (2003) entende que é muito difícil identificarmos e definirmos o programa. É preciso também levar em conta a ideia de fluxo, que define uma abordagem seletiva e qualitativa dos programas assistidos pela audiência. “A verdade é que a televisão opera numa tal escala de audiência, que nela o conceito de “elitismo” fica completamente deslocado. Mesmo o produto mais “difícil”, mais sofisticado e seletivo

encontra sempre na televisão um público de massa” (MACHADO, 2003, p. 30), explica Machado.

“Nas últimas décadas, a ideia de gênero tem sofrido um questionamento esmagador, de parte inicialmente da crítica estruturalista e posteriormente do pensamento dito pós-moderno” (MACHADO, 2003, p. 67), descreve Machado. O autor acredita que a melhor definição de gênero seja a de Mikhail Bakhtin, pensador russo que entende gênero por: “uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar as ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos” (MACHADO, 2003, p. 68), segundo as palavras de Machado. Ou seja, ele seria a orientação da linguagem usada em um meio.

“A televisão abrange um conjunto bastante amplo de eventos audiovisuais que têm em comum apenas o fato de a imagem e o som serem constituídos eletronicamente e transmitidos em um local (emissor) a outro (receptor) também por via eletrônica” (MACHADO, 2003, p. 70), explica Machado. Cada programa, reportagem, vinheta, capítulo de novela, tudo, constitui um enunciado. Esses enunciados são apresentados para o público televisivo numa imensa variabilidade. São essas maneiras diferentes de trabalhar que podem ser chamadas também de gênero. “Os gêneros existem numa diversidade tão grande que muitas vezes se torna complicado estudá-los enquanto categoria” (MACHADO, 2003, p. 70), observa Machado.

Apesar de ser um meio que trabalha com imagens, Machado (2003) considera a televisão pouco visual. Isso se dá por ela ser herdeira do rádio e ter a palavra como sua matéria-prima principal. Com o tempo, há uma evolução nesse quesito, com o uso de recursos gráficos computadorizados, mas mesmo assim depende muito da oralidade. “Talvez isso se explique por imperativos técnicos e econômicos: o depoimento oral, a entrevista, o debate, o discurso do âncora constituem as formas mais baratas de televisão e aquelas que oferecem menos problemas para a transmissão direta ou para o ritmo veloz de produção” (MACHADO, 2003, p. 72), argumenta Machado. Esse baixo custo levou a televisão a criar muitos *talk shows*, mas também favoreceu o discurso antigo e vital do diálogo. “A televisão, tantas vezes acusada de massificação e banalidade, tem sido também o lugar onde o pensamento ganhou um impulso novo, liberado que foi dos constrangimentos retóricos da sua forma escrita” (MACHADO, 2003, p. 78), explica o autor.

Desde o surgimento da televisão, muitas dúvidas apareceram. Será que ela vai roubar todo o público do rádio e do jornal impresso? Alcoba acredita que “*los tres grandes medios se complementan, por lo que la televisión ha pasado de ser un medio informativo a considerarse más como medio relacionado com el espectáculo.*” (ALCOBA, p. 172) Ela elevou o nível do espetáculo com a junção do relato, seja pela escrita ou pela fala, ao da imagem. E o esporte é o maior deles.

A televisão por assinatura surgiu na década de 1940, nos Estados Unidos, como tevê a cabo. Seu objetivo era melhorar a qualidade da recepção dos sinais radioelétricos de televisão. Ramos e Martins (1995) explicam que para isso, bastava instalar uma antena em um ponto alto. Ela captava os sinais televisivos e enviava para uma estação que os corrigia.

“Mais precisamente, TV por Assinatura, é o serviço de comunicações que oferece a espectadores, através de qualquer um daqueles meios, programas codificados, só passíveis de recepção mediante o pagamento de uma taxa de adesão e assinatura mensal” (RAMOS e MARTINS, 1995, p. 2), relatam os autores. Dessa maneira, a televisão a cabo é apenas uma modalidade das presentes dentro da tevê por assinatura. E foi através dessa circulação de sinais pelos cabos que o potencial da televisão por assinatura foi descoberto. “Suas aplicações eram potencialmente muito mais amplas: pelo cabo podiam circular além de sinais de rádios AM e FM, novos programas e serviços que seriam, em princípio, gerados localmente” (RAMOS e MARTINS, 1995, p. 3), relatam Ramos e Martins.

No fim dos anos 1970 e início dos 1980, surgiu a *Home Box Office*, nos Estados Unidos. O HBO foi o primeiro canal considerado como o “cinema em casa”, pois transmitia filmes que estavam sendo exibidos nas salas comerciais nas próprias casas das pessoas, sem intervalos. Seguindo nesse pioneirismo estava a *Cable News Network*, mais conhecida como CNN. O canal, proveniente também dos Estados Unidos, com notícias 24 horas estava disponível para os assinantes de televisão. Ramos e Martins explicam como a assinatura tornou-se um sucesso no país:

Assim, do começo até meados da década de 80 a TV a Cabo, nos Estados Unidos, conquistou cerca de 30% da audiência das três grandes redes de TV aberta (ABC, CBS e NBC). A partir daí, surgiria uma nova lógica de mercado, pela qual a ampliação do número de canais faria com que a programação fosse cada vez mais segmentada e especializada, sendo a diversidade, a originalidade e, sobretudo, a presumível identificação com o telespectador, o diferencial para conquistar o consumidor. (RAMOS e MARTINS, 1995, p. 4)

No Brasil, o serviço chegou apenas na metade dos anos 1990. Apesar disso, a tevê a cabo já tentou ser implantada anteriormente. “Em 1975, um projeto de Decreto foi elaborado, com o fim de regulamentar o Serviço de Cabodifusão” (RAMOS e MARTINS, 1995, p. 9), contam Ramos e Martins. Com interesse político controverso, debates entre universidades e veículos de comunicação entraram em uma batalha com o governo para a aprovação do projeto. Em 1975 não foi possível, assim como em 1979 o projeto foi reescrito e entrou em pauta novamente. Estendeu-se outro longo tempo de debate, mas apenas em 1988 os serviços se normatizaram com a regulamentação do “Serviço Especial de Televisão por Assinatura”. No final do ano de 1989, foi regulamentada a “Distribuição de Sinais de Televisão” pelo então ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Ramos e Martins observam que:

O decreto regulamentando o Serviço Especial de Televisão por Assinatura (TVA) era dos dois o documento legal mais significativo, porque já explicitava o fundamento conceitual sobre o qual atuaria o Ministério das Comunicações no tratamento da introdução das chamadas novas tecnologias de comunicações no campo audiovisual. (RAMOS e MARTINS, 1995, p. 13)

No ano de 2009, o Ibope Pesquisa de Mídia e o Grupo de Mídia de São Paulo divulgaram uma pesquisa revelando que 53.384.000 domicílios no país já possuíam aparelhos de televisão. Esse número representava, na época, 94% das casas brasileiras, observa Mattos (2010).

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO

“Desde o primeiro dia em que a televisão entrou no ar, o esporte teve espaço privilegiado” (RIBEIRO, 2007, p. 134), conta Ribeiro. O programa de esporte da TV Tupi se chamava Vídeo Esportivo e era apresentado por Aurélio Campos juntamente com o jogador do Corinthians, Baltazar. “O fenômeno televisão era apenas mais uma ferramenta para atrair mais e mais torcedores para as discussões em torno de futebol” (RIBEIRO, 2007, p. 137), relata o autor.

Outra tevê que responsabilizava o esporte como seu maior sucesso na década de 1950 era a TV Rio. O programa de maior audiência se chamava Noite de Gala, que entrevistava personalidades do mundo dos esportes. Mas a emissora contava também com o popular Salve o Esporte, apresentado por Luiz Mendes.

Com o surgimento de Pelé como jogador de futebol, tudo que envolvia o craque virava notícia. Nesta mesma época, em 1954, a TV Record lançou o primeiro programa de debate esportivo do país, o Mesa Redonda. Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida apresentavam a atração.

A Grande Resenha Facit é considerada por Ribeiro (2007) a mais famosa mesa redonda do Brasil. O programa entrou no ar em 1963, na TV Rio. Quatro jornalistas representavam cada time do Rio de Janeiro: João Saldanha o Botafogo, Nelson Rodrigues o Fluminense, José Maria Scassa o Flamengo e Vitorino Vieira o Vasco. Além de Armando Nogueira que também fazia parte do elenco. Ao passar do tempo, novos nomes foram se incorporando. Ribeiro entende que “a mesa-redonda transformou-se em programa obrigatório aos domingos para o torcedor carioca e eterno modelo para gerações futuras.” (RIBEIRO, 2007, p. 191) Em 1966, passou a se chamar Grande Revista Esportiva Facit e a ser exibido na Rede Globo.

A Record resolveu concorrer diretamente e também criou um programa de debate em 1967, o Na Boca do Tigre, comandado por Silvio Luiz. “Apesar das acaloradas discussões paulistas, a Resenha Facit da TV Globo ainda era insuperável, especialmente por causa das intervenções de João Saldanha, que não perdia uma oportunidade para demonstrar a ousadia de seus comentários” (RIBEIRO, 2007, p. 202), relata o autor. Mas o programa de debates que permaneceu mais tempo no ar foi o da televisão Gazeta, chamado Futebol é com onze. Eram onze profissionais participando no estúdio, assim como a estação do canal em que a emissora era veiculada em São Paulo. Anos depois, o programa foi substituído pelo Mesa-Redonda – Futebol, Debate, com um estilo muito parecido com o anterior.

Logo após o término da Copa de 1982, Silvio Luiz e Flávio Prado criaram, na Record, segundo Ribeiro, “um dos mais programas mais irreverentes de esporte na televisão brasileira: o Clube dos Esportistas.” (RIBEIRO, 2007, p. 255) O cenário era uma casa, com cozinha, empregada e até cachorro. A informalidade estava sempre presente. “O programa era um autêntico circo” (RIBEIRO, 2007, p. 255), conta Ribeiro. E permaneceu no ar durante quatro anos.

Luciano do Valle era o narrador número um da Globo. Mas tinha o sonho de ter sua empresa de eventos esportivos. Formou, então, a Promoção, especializada na divulgação e promoção de esportes olímpicos. “Trocar a estrutura global pela TV Record parecia loucura, e após sete meses de trabalho Luciano percebeu que com essa dura realidade não chegaria a

lugar nenhum” (RIBEIRO, 2007, p. 256), conta Ribeiro. O narrador resolveu mudar mais uma vez e foi para a Bandeirantes. Sua empresa “passou a comandar dez horas da programação aos domingos, seis horas aos sábados, além de duas horas de segunda a sexta-feira” (RIBEIRO, 2007, p. 256), explica Ribeiro.

“Pela primeira vez, desde a programação voltada completamente para o esporte na Rádio Panamericana, uma emissora, agora de televisão, ousava dedicar quase um dia inteiro à transmissão de eventos esportivos” (RIBEIRO, 2007, p. 256), relata Ribeiro. Luciano do Valle comandava o Show do Esporte, que não falava apenas do popular futebol, mas de outros esportes também. Luciano “a partir daquele instante passou a ser, além de narrador, um grande incentivador de esportes como vôlei, basquete e atletismo” (RIBEIRO, 2007, p. 256), explica o autor.

Foi a vez de outros jornalistas investirem nas empresas de programação esportiva. J. Hawilla e Ciro José, que eram funcionários da tevê Globo, criaram a Traffic. “O primeiro grande contrato de parceria foi assinado com a TV Record. A empresa era responsável pelo departamento de esporte e pela comercialização dos principais eventos da emissora” (RIBEIRO, 2007, p. 256), relata Ribeiro.

A imprensa esportiva passou por uma época delicada, ao ter diversos jornalistas e narradores envolvidos em transações de jogadores, como intermediários e empresários. Era o ápice da corrupção na imprensa esportiva, conta Ribeiro (2007). Depois, foi a vez do futebol. Ribeiro conta que:

A sujeira atingiu seu ponto máximo quando o Jornal Nacional, da TV Globo, apesar de a emissora ser a detentora exclusiva dos direitos das principais competições do país, decidiu exibir para dezenas de milhares de telespectadores um poderoso esquema de corrupção na CBF. (RIBEIRO, 2007, p. 289)

Nos canais não dedicados ao assunto, o espaço do esporte nos telejornais diários é até grande, se formos considerar o mesmo espaço cedido às outras especializações. Ainda há a presença de jogadores, técnicos, dirigentes e personalidades do esporte em outros programas ou até mesmo um programa dedicado a um esporte específico. Mas o programa da informação esportiva é muito raro de se encontrar. Desse modo, o trabalho do jornalista esportivo se mantém muito semelhante ao do rádio e do impresso: resumir o que aconteceu em um determinado espaço para os telejornais. Alcoba afirma que:

La televisión ha servido, ante la masificación del deporte espectáculo por el número de personas que desean presenciarlos en las instalaciones donde se celebran, para que los organizadores hayan comenzado a pensar la posibilidad de construir

instalaciones reducidas y las competiciones puedan ser retransmitidas a pantallas gigantescas que permitan llevar las imágenes a un mayor número de aficionados, como ya se há experimentado y comprobado, sin necesidad de que el aficionado deba desplazarse de su lugar de residencia a la instalación deportiva y pueda presenciarlas en directo. (ALCOBA, p. 175)

A televisão se apropriou do esporte como um produto de consumo, explica Sette (2010). Ele acredita que “o telejornalismo esportivo é um gênero de programa televisivo que vem cada vez mais obtendo destaque nas diferentes emissoras de televisão.” (SETTE, 2010, p. 36) Até mesmo a Rede Globo não possuía um grande espaço em seus telejornais diários para o esporte, antes dos anos 1970. Sette conta que “até a Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina, a emissora brasileira não possuía nenhum espaço considerável em seus telejornais para atividades desportivas profissionais.” (SETTE, 2010, p. 36) Foi através dos avanços da tecnologia que as transmissões se tornaram um espetáculo, como explica Sette: “a televisão, num espaço curto de tempo, começou a se desenvolver não somente para apresentar um evento esportivo, mas também para torná-lo um verdadeiro espetáculo, no qual o telespectador se aproxima das emoções vividas.” (SETTE, 2010, p. 36-37) A união entre o esporte e o telejornalismo trouxe uma maneira única de informar. Para Sette:

Esse gênero agrupa fontes, notícias e seleciona conteúdos como o jornalismo e detém algumas especificidades que outros gêneros de jornalismo não podem recorrer, como um arquivo de imagens ou a técnica de mediação orientada por um profissional que não somente transmite a mensagem, mas algumas vezes oferece uma leitura da notícia. (SETTE, 2010, p. 42-43)

Sette (2010) acredita que é através dessa espetacularização da televisão que o esporte torna suas competições mais organizadas, o que gera não só transmissões, mas também assuntos para debates nos demais programas esportivos. Rangel observa que “o esporte, no final do século XX e início do século XXI é assimilado pelas massas, é apreciado como espetáculo. [...] Com isso ele se torna um grande negócio e associado à espetacularização das imagens, ganha requintes de um show de entretenimento.” (RANGEL, 2008, p.79) Sette complementa ainda que “todos os eventos ou acontecimentos que surgem no meio esportivo, são potencialmente produtos para serem discutidos durante semanas e até mesmo meses pelos mais variados programas televisivos esportivos.” (SETTE, 2010, p. 37) O autor acredita que os momentos de espetáculo devidos à modernização chamam a atenção da audiência:

O esporte como competição, como forma de lazer ou qualquer prática que consiga chamar a atenção pública, possibilita a construção de um cenário do espetáculo oferecendo mercadorias necessárias para a composição de um programa de telejornalismo esportivo. Isto se vê em atletas, vestimentas e até mesmos comentários que representam recursos os quais tornam-se rentáveis produtos. (SETTE, 2010, p. 37)

Encontramos nas principais televisões abertas programas diários dedicados ao esporte. Na TV Globo há o Globo Esporte, com sua edição nacional e regional; na Bandeirantes há o Jogo Aberto, edição nacional, e o Donos da Bola, com edição nacional e regional; no Rio Grande do Sul a Record exibe o Balanço na Rede; e o SBT no Rio Grande do Sul tem o SBT Esporte. Além desses, temos programas semanais sobre o assunto, como o Esporte Espetacular exibido aos domingos na Rede Globo, o Band Esporte Clube e o Terceiro Tempo, ambos da Bandeirantes, que vão ao ar nos finais de semana. Há também a programação de canais por assinatura 24 horas por dia dedicados ao esporte, como os canais SporTV, os ESPN, os Fox Sports, o Bandsports, o Sports + e o Esporte Interativo. Além desses programas, temos as transmissões dos mais diversos esportes, que têm espaços tanto nas emissoras abertas, quanto nas pagas.

A grande parte da população brasileira tem acesso aos esportes através da televisão. Sette (2010) acredita que é necessário ter cuidado ao analisar o conteúdo, para não ter qualquer tipo de influência sobre equipes e atletas. Apesar de existirem diversos programas específicos para diferentes esportes, Sette (2010) entende que os formatos são os mesmos. Ele observa que “isso pode deixar de despertar no público um interesse mais amplo, pois as discussões são sempre generalistas e simplificadas, além de que os assuntos comentados sobre outras modalidades esportivas senão o futebol são muito superficiais.” (SETTE, 2010, p. 38) Mas não é por isso que não deve haver seriedade. O autor explica que “deve-se deixar de considerar a programação televisiva esportiva apenas como um simples entretenimento. Esta é uma área na qual profissionais especializados constroem e apresentam o que se define no meio esportivo.” (SETTE, 2010, p. 39)

A linguagem que os programas de esporte convencionais usam é de fácil entendimento para Sette (2010). Dessa maneira, há uma grande diferença dos programas de mesa redonda, nos quais há uma maior discussão e reflexão sobre o esporte. Sette observa que “essas características desse tipo de programa que também envolve as divergências entre convidados e comentaristas, suscitam a curiosidade do telespectador, pois são considerados espaço de entretenimento.” (SETTE, 2010, p. 39)

São nos programas de esporte que mais se concentram as informações. Sette define como “o espaço caracterizado exclusivamente por assuntos esportivos no qual diferentes modalidades são apresentadas e informações são transmitidas.” (SETTE, 2010, p. 42) O autor acredita que a aceitação pública fez com que os programas de debates e informações sobre

esportes se multiplicassem, tendo a audiência como determinante dos conteúdos apresentados. Sette explica que “transmissões ao vivo, imagens espetaculares, vários artifícios são utilizados para conquistar uma maior receptividade pública, os quais, aliados à forma pela qual o mediador da transmissão enfoca a notícia, podem sugerir diferentes significados.” (SETTE, 2010, p. 42)

Soares e Michel (2009) acreditam que é necessário haver um controle nas pautas esportivas dos programas especializados. É preciso evitar a overdose de pautas sobre futebol para se ter o diferencial no telejornalismo esportivo. Os autores explicam que o “diferente neste segmento é sinônimo de descobrir e divulgar outras modalidades: não se pode esquecer que as quadras, piscinas, arenas e pistas automobilísticas também mobilizam desportistas [...] e geram importantes materiais jornalísticos.” (SOARES e MICHEL, 2009, p. 8) Soares e Michel (2009) entendem ainda que é raro o espaço para outros esportes além do futebol na televisão aberta. A hierarquia é sempre primeiro o futebol e depois as demais modalidades, visto que não têm tanta visibilidade.

2.2 SPORTV

Em novembro de 1991, foi criada a primeira programadora de televisão por assinatura brasileira: a Globosat, pertencente ao Grupo Globo. Foram montados quatro canais que trouxeram novos conceitos de entretenimento, informação e lazer, através de uma programação segmentada. Os canais Telecine, Top Sports, GNT e Multishow surgiram tendo como princípio a programação exclusiva de conteúdo para seu mercado consumidor.

Até 1994, o conteúdo era basicamente importado. Mas em 1995, uma reformulação na Globosat expandiu os canais. O Top Sports tornou-se o SporTV e foram criados a GloboNews, o USA (que depois viria a se tornar o Universal Channel), o Shoptime e o Canal Brasil. O Telecine foi desmembrado e passou a ser três canais de diferentes tipos de filmes. Além das operações de *pay per view*.

Em 1997, a programadora passou a se chamar Canais Globosat e se consolidou como líder no mercado de televisão por assinatura no Brasil. No ano de 2014, possuía mais de 1800 funcionários, número que cresceu muito comparado aos 350 do primeiro ano, e 33 canais. Sua sede atual é no bairro Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Ela possui o primeiro canal de notícias 24 horas no ar brasileiro, a GloboNews, o primeiro canal para produção audiovisual brasileira, o Canal Brasil, o maior canal nacional de esportes, o SporTV, e o primeiro canal de esportes para o exterior, que tem como público os brasileiros que residem fora do país, o PFC Internacional.

Segundo a 20ª Pesquisa Pay TV POP, de junho de 2014, o SporTV faz parte dos dez canais fundamentais para a manutenção da televisão por assinatura. Assim como é um dos quatro canais mais citados pelos profissionais de publicidade, segundo o Painel de Marketing dos Veículos de 2014. Além de tudo, é considerado Top Of Mind entre os canais de esporte desde 1999, segundo o Data Folha Pesquisa Top Of Mind 2014.

Coelho (2013) acredita em um motivo que tenha feito a programadora se destacar a frente das concorrentes: “Na concorrência, o grupo Globo saiu claramente na frente por um único detalhe: *know-how*. Cada funcionário do grupo tinha no currículo a experiência global que datava de 1965.” (COELHO, 2013, p. 69) O autor crê ainda que o primeiro reflexo no canal de esportes se deu no número de assinantes. “Com mais assinaturas havia mais chance de conseguir patrocinadores.” (COELHO, 2013, p. 69) Ele ainda explica que o que determinou a história futura do canal e do seu principal concorrente, a TVA Esportes (da programadora TVA) foram os diferentes contratos assinados pelos canais. Enquanto a TVA Esportes assinou com o Clube dos Treze, em 1994, para transmitir os principais jogos do futebol brasileiro por três anos, o SporTV assinou com a Confederação Brasileira de Futebol, que comandava os torneios.

A rigor, os dois contratos poderiam ter validade jurídica. E a briga tomou conta dos bastidores no início da história das transmissões em televisão fechada. Em 1994, a TVA Esportes ainda transmitiu os jogos do Campeonato Brasileiro. Do início ao fim, nos jogos menos e mais importantes, lá estava o microfone da empresa. A partir de 1995, justamente quando a emissora mudou seu nome para ESPN Brasil graças a uma sociedade firmada entre o grupo Disney – proprietário da marca ESPN no mundo – e o Grupo Abril – dono da TVA –, a história mudou. (COELHO, 2013, p. 70)

A partir daí, a entrada dos jornalistas da ESPN nos jogos do Campeonato Brasileiro foram proibidas pela Globo, segundo Coelho. A emissora tentava liminares na justiça, mas na hora da exibição perdia os direitos novamente. “O jeito, então, foi tentar um acordo, no qual o SporTV saiu no lucro. A empresa do grupo Globo ficou com o direito de transmitir os principais jogos das rodadas dos campeonatos brasileiros. Para a ESPN ficaram os jogos dos times de menor expressão.” (COELHO, 2013, p. 70) Com o fim do contrato, a renovação aconteceu com o SporTV, o que tirou de vez as partidas da ESPN.

O canal SporTV transmite mais de cinco mil eventos, distribuídos entre mais de 30 modalidades durante o ano. São 72 horas por dia de programação, divididas nos três canais: SporTV, SporTV 2 (lançado em dezembro de 2003) e SporTV 3 (lançado em outubro de 2011). Cinquenta e nove dessas horas são dedicadas ao jornalismo esportivo, representado em programas de mesa redonda e telejornais. Segundo a própria divulgação institucional do canal: “Outra preocupação do canal é o investimento constante em tecnologia e conteúdo. Talvez por isso, juntamente com a cobertura diferenciada dos eventos no Brasil e no Mundo, o canal seja considerado fundamental para a manutenção de assinantes na TV por assinatura.” Tem como slogan “o canal campeão”.

Sette explica que há diferentes planejamentos para as coberturas jornalísticas do SporTV. Em coberturas de eventos grandiosos, equipes de transmissão e repórteres são deslocadas para o local do evento, sendo ela transmitida ao vivo ou não.

Neste caso, opta-se por profissionais que tenham certa familiaridade com assunto. Profissionais que entendem mais de vôlei vão fazer a cobertura de jogos de vôlei e o mesmo se refere ao futebol, basquete, natação e etc. Além desse pessoal, há também ex-atletas de determinados esportes que também são trazidos para comentar a competição, os resultados e tudo que estiver relacionado ao evento em si. (SETTE, 2010, p. 67)

Os planejamentos logísticos também fazem parte da pauta do canal. As emissoras jornalísticas precisam também reconhecer os possíveis gastos e definir qual profissional irá exercer qual função durante a transmissão. A importância do evento também é medida pelas empresas na hora da elaboração do planejamento. “Nos canais SporTV toda a logística é feita com antecedência determinada pela diretoria.” (SETTE, 2010, p. 68)

2.3 ESPN

Entertainment and Sports Programming Network (Rede de Programação de Esportes e Entretenimento) ou mais conhecida como ESPN é uma rede de televisão por assinatura dos Estados Unidos que tem como conteúdo apenas esporte. Em 1979, a emissora foi fundada por Bill Rasmussen e seu filho Scott Rasmussen. Atualmente seu diretor é George Bodenheimer, no cargo desde 1998.

Bill Ramussen era repórter esportivo na WWLP, afiliada da *National Broadcasting Company*, em Springfield, no estado de Massachusetts. Ele trabalhava também para o *New*

England Whalers, enquanto seu filho era locutor do estádio da equipe. Em 1977, os dois foram demitidos. Tiveram, então, a ideia de criar uma rede de televisão a cabo que tivesse o foco em eventos esportivos. Como comprar um sinal ininterrupto de satélite era mais barato do que blocos de horas em alguma programação, seu projeto mudou de tamanho.

A empresa *Getty Oil* financiou o negócio, assim como forneceu todo seu conhecimento em gestão, ficando com a parte majoritária das ações. Nabisco e Anheuser-Busch também adquiriram parcelas da compra. Alguns anos depois, a *American Broadcasting Company* comprou 80% das ações, - 20% foram vendidas logo em seguida para a Nabisco, e depois para a *Hearst Corporation* que mantém o mesmo percentual de título. A ABC foi comprada, em 1986, pela *Capital Cities Communications*. Nove anos depois, *The Walt Disney Company* comprou a empresa por 19 bilhões de dólares e tornou-se acionista majoritária com 80%.

Seu principal escritório é em Bristol, no estado de Connecticut. Mas também há sedes da empresa em Charlotte, na Carolina do Norte, San Francisco e Los Angeles, ambos no estado da Califórnia. O canal está disponível em mais de 150 países através da ESPN Internacional. É considerado o maior canal esportivo do mundo, tendo como lema “o líder mundial em esportes”.

A ESPN Internacional foi lançada em 1990, devido ao considerável crescimento da televisão por assinatura na Ásia, na África e na América Latina. Sua expansão para a Europa deu-se apenas em 2004. A franquia brasileira é controlada pelo grupo Disney (acionista majoritário) através da ABC. O canal também anteriormente pertenceu ao Grupo Abril até 1999. Até 1994, chamava-se TVA Esportes. A partir de 2006, todo conteúdo em português do canal é produzido no Brasil. Sua sede principal é em São Paulo.

Como não tinha os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, Coelho (2013) conta que a ESPN decidiu investir em jornalismo:

O investimento em jornalismo diminuiu sensivelmente o dinheiro que seria gasto com a compra de direitos de transmissão. Mas foi mais um agravante na questão dos anunciantes. Sem jogos importantes para mostrar no segundo semestre, quando começa o Campeonato Brasileiro, mais difícil será conseguir patrocinadores fortes para o canal. (COELHO, 2013, p. 70)

A emissora ESPN denomina-se “a principal provedora de conteúdo esportivo multiplataforma na mídia brasileira”, segundo a própria divulgação institucional do canal. Além dos três canais – ESPN, ESPN Brasil e ESPN + -, possui uma plataforma online, o

Watch ESPN, que viabiliza o acesso online a toda programação. Em 1998, ganhou o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, pela cobertura da Copa do Mundo de futebol do mesmo ano.

2.4 TRANSMISSÃO TELEVISIVA

Machado explica que “a transmissão ao vivo talvez seja, dentro todas as possibilidades de televisão, aquela que marca mais profundamente a experiência desse meio.” (MACHADO, 2003, p. 125) A tevê é proveniente do ao vivo, da época em que tudo era feito na hora e até hoje é o que mais tem de importante. Antes da televisão e do rádio, Machado (2003) conta que as únicas formas de expressão ao vivo eram os teatros, óperas, balés e shows. Discos, filmes e fotografias são apenas recordações de algo que já passou:

A partir da televisão, o registro do espetáculo que se está ainda enunciando e a visualização/audição do resultado final podem se dar simultaneamente e é esse justamente o traço distintivo da transmissão direta: a recepção, por parte de espectadores situados em lugares muito distantes, de eventos que estão acontecendo nesse mesmo instante (MACHADO, 2003, p. 125)

Nem tudo que vai ao ar é transmitido ao vivo, mas ele dita o modelo de toda programação televisiva, assim como aspectos do ao vivo são incorporados na gravação: “as características básicas do programa ao vivo parece contaminar o restante da programação televisiva e imprimir as suas marcas de atualidade até mesmo nos produtos pré-gravados.” (MACHADO, 2003, p. 126) Muitas vezes os programas são gravados por pura questão técnica, não para edição, explica Machado (2003). Outras por receio do que possa vir a acontecer: “toda transmissão em tempo real e presente inclui um certo elemento de suspense, na medida em que as coisas podem não ocorrer como planejadas. O melhor da televisão ao vivo acontece quando o imponderável se impõe sobre o programado” (MACHADO, 2003, p. 141), opina Machado.

Muitos críticos e estudiosos vêm acreditando que o mal atual da televisão está presente na transmissão em tempo real. “Concentrar na transmissão direta toda a ira contra a televisão é uma maneira de ter garantias de que o ataque não vai atingir alvos errados” (MACHADO, 2003, p. 126), justifica Machado. Alguns pensadores entendem que ela seja o contrário do pensamento, o avesso da reflexão. O autor traz então o questionamento: por que tantos regimes de poder tem medo da televisão ao vivo?

Durante a ditadura militar no Brasil, a programação ao vivo das televisões brasileiras era proibida, tolerava-se apenas alguns casos como as partidas esportivas que deveriam ter autorização prévia. Depois do fim do regime militar, ela foi proibida novamente quando estava em vigor a emenda que restabelecia as eleições diretas no Brasil, em abril de 1984, conta Machado (2003). Não foi apenas no território nacional que a censura ocorreu. Em todo mundo quando houve guerras e tensões governamentais fortes as transmissões em tempo real foram vetadas por alguns governos. “Embora a censura ao vivo seja um procedimento tecnicamente viável, ela é infinitamente mais precária e ineficiente que a censura de material pré-gravado” (MACHADO, 2003, p. 128), observa Machado, que complementa dizendo que, além disso, pode ser observada pelos telespectadores muitas vezes.

O autor entende esse medo por parte dos governantes e essa crítica por parte dos estudiosos pelo fato de que não há um controle efetivo do que se transmite, tanto pelos organizadores quanto pela emissora que está transmitindo. A explicação de Machado para isso é de que: “a televisão não se resume a uma única emissão: ela consiste num fluxo ininterrupto de imagens e sons, que progride diariamente diante de nossos olhos e ouvidos, perfazendo, portanto, um processo, ao longo do qual o espectador pode formar uma opinião.” (MACHADO, 2003, p. 129) Dessa maneira, o espectador pode transformar seu pensamento em ação ou, até mesmo, em mobilização.

Para a revelação de uma foto é necessário um tempo entre o clic do momento e a revelação da mesma, o chamado tempo de manipulação. Na transmissão direta não existe esse tempo. “Em tempo presente, os realizadores devem dar consistência ao material no mesmo momento em que esse material ainda está sendo tomado e sem ter condições de pré-visualizar os resultados antes que o produto chegue ao receptor” (MACHADO, 2003, p. 130), explica Machado. O controle do material exibido numa transmissão direta tem de ser feito no mesmo momento da emissão. Desse modo, erros também fazem parte do material final. “Pode-se então dizer que, na transmissão direta de televisão, a tentativa se confunde com o resultado, o ensaio com o produto final” (MACHADO, 2003, p. 131), conclui Machado.

Ao vivo não há como o diretor de tevê supor o que vem em seguida, principalmente se o que está sendo exibido seja um improviso em um show ou um evento esportivo, por exemplo. Quem também deve improvisar nesses casos é o próprio diretor. Ou contar com a ajuda da gravação:

A perda de lances importantes, por exemplo, é um acontecimento mais ou menos comum em transmissões ao vivo de partidas esportivas e isso só não chega a ser um problema grave porque, em geral, as redes de televisão sempre trabalham com várias câmeras, todas elas funcionando ao mesmo tempo: se, por azar, a câmera colocada no ar perdeu um lance decisivo, é só dar replay no material gravado por outra câmera. (MACHADO, 2003, p. 132)

O diretor de televisão tem um papel importante nessa sequência. Machado define o papel do diretor “entre outras coisas, em escolher, a cada momento, dentro do leque de possibilidades que lhe é apresentado, a imagem que vai ser mandada ao ar e decidir o tempo em que deve permanecer no ar.” (MACHADO, 2003, p. 133-134) Por ter que decidir uma sequência lógica para o que está acontecendo, seu ato é improvisado e simultâneo ao ocorrido, visto que poucas vezes tem a condição de estudar todas as possibilidades do que vem a acontecer. “Isso quer dizer que, por mais lógico e ordenado que seja o relato articulado pelo diretor, numa transmissão direta não há como evitar que penetre no resultado toda uma série de insertos imprevisíveis” (MACHADO, 2003, p. 134), explica o autor.

Por outro lado nem mesmo em uma partida de futebol temos muito improviso: “o centro de interesse se concentra na bola e não há praticamente grandes possibilidades, até mesmo por força do mecanismo do jogo, de alterar essa fatalidade.” (MACHADO, 2003, p. 136) Machado (2003) entende que as transmissões ao vivo das televisões atuais não oferece uma grande margem para improvisação. O autor acredita que:

Para que seja possível experimentar, em todas as suas consequências, as perspectivas abertas por essa modalidade de enunciação televisual, é preciso que as pessoas que a praticam e também aquelas que a subvencionam estejam realmente imbuídas de uma visão de um mundo menos esclerosada e se mostrem dispostas a colocar entre parênteses os esquemas adquiridos à custa do hábito. (MACHADO, 2003, p. 137)

Se considerarmos como um erro tudo que sai da linha de narrativa televisiva, teremos erro em qualquer transmissão ao vivo, explica Machado (2003). Falhas técnicas também estão sujeitas a ocorrer. É de consenso de todos que um material reserva esteja sempre disponível caso o evento saia do ar por condições técnicas, humanas ou climáticas.

“Con el paso de los años, el deporte há conquistado la televisión, y las retransmisiones de las competiciones deportivas son las que mayores audiências concitan” (ALCOBA, 2005, p. 172), afirma Alcoba. A transmissão esportiva é, de longe, a maior audiência e o carro chefe das emissoras esportivas.

Para uma transmissão de partidas não são necessários muitos jornalistas. Um narrador, um comentarista e dois repórteres para as entrevistas dentro de campo. Além disto, são

necessários profissionais da parte técnica para por uma transmissão ou retransmissão no ar. O papel do jornalista para Alcoba em uma transmissão é:

Contar al televidente lo que está viendo con un lenguaje, como ya hemos explicado, muy diferente al que utiliza un periodista radiofónico, pero con el inconveniente de que el periodista deportivo de televisión no puede engañar al televidente – como suele hacer em determinados momentos el de radio-, por eso se limita a identificar a los jugadores o deportistas y poco más. (ALCOBA, 2005, p. 173)

Não há muito que o jornalista possa fazer em uma transmissão para manter a atenção do telespectador se o jogo for ruim ou se as imagens recebidas da empresa responsável pela distribuição das filmagens forem ruins. Isto é um perigo que a televisão corre. Além dos comerciais publicitários, insertes de outros programas e a falha das imagens possam trazer. “*La retransmisiones deportivas televisadas de la mayoría de los deportes y competiciones precisa de periodistas muy preparados y especialistas en concretos deportes que dominen sus reglas*” (ALCOBA, 2005, p. 175), afirma Alcoba. O que não pode acontecer é o profissional abusar no uso de termos técnicos, pois nem todos entendem o que ele está falando. Suas intervenções na transmissão devem ser controladas e ele não pode se considerar um dos técnicos das equipes. Coelho (2013) acredita que o que chama atenção durante uma partida é o grito de gol narrado com emoção. Porém acredita que “poderia vir acompanhado de análise crítica do que está se passando dentro de campo.” (COELHO, 2013, p. 66)

A primeira transmissão de um jogo de futebol no Brasil ocorreu no dia 15 de outubro de 1950, na TV Tupi. São Paulo e Santos disputavam a vitória no Pacaembu, que tinha um público muito maior nas arquibancadas do que atrás da tela, relata Ribeiro (2007). Os primeiros narradores de tevê eram Aurélio Campos e Wilson Brasil, que não tinham muito o agrado popular no início. A TV Paulista montou uma forte equipe para concorrer na transmissão de partidas esportivas. “Moacir Pacheco Torres era o narrador; Leônidas da Silva, craque recém-aposentado dos gramados, o comentarista; e o José Iazetti, o analista de arbitragem” (RIBEIRO, 2007, p. 143), conta Ribeiro.

O aperfeiçoamento das transmissões veio no final da década de 1950, por causa da popularização da televisão no Brasil. E o principal responsável pela audiência era o futebol. “Record e TV Rio, por exemplo, passaram a utilizar lentes de zoom especiais para conseguirem ângulos mais próximos às estrelas do espetáculo. Outro equipamento importante passou a ser o videotape” (RIBEIRO, 2007, p. 170), relata Ribeiro.

Os direitos de exibição da Copa do Mundo de 1958 eram da TV Tupi. Assis Chateaubriand comprou a licença da empresa *Sveriges* para ter as imagens. "Na Europa, pela primeira vez os jogos seriam transmitidos ao vivo, enquanto no Brasil os filmes ainda seriam exibidos com dias de atraso, além de editados com meia hora de duração" (RIBEIRO, 2007, p.164), conta Ribeiro. Pipa Amaral, proprietário da TV Rio, queria exibir os jogos também. Então, ordenou que dois de seus funcionários entrassem disfarçados no estádio para gravar as partidas.

Foi através do videotape que os brasileiros puderam acompanhar os jogos da Copa do Mundo do Chile, em 1962. Dois dias depois que a partida ocorria, ela poderia ser vista na íntegra. "As exibições inéditas eram fruto de uma parceria entre as duas maiores emissoras do país: Record e Tupi, com o apoio técnico da Televisa, do México, e o dinheiro de Adhemar de Barros, então candidato a governador de São Paulo" (RIBEIRO, 2007, p. 187), conta Ribeiro. Cada profissional de uma emissora, Raul Tabajara, da Record, e Walter Abraão, pela Tupi, narrava um tempo da partida.

Havia um desentendimento entre dirigentes de clubes, empresários, jornalistas e as federações paulista e carioca de futebol causado pelas transmissões das partidas. Em 1965, a TV Record não podia mais exibir partidas ao vivo. A confusão estava armada e foi parar no Congresso. Foi aprovada, então, uma lei em que as transmissões só poderiam ser feitas mediante o pagamento. Apesar da lei não ter sido muito respeitada, em São Paulo existia uma brecha na ordem em que as partidas realizadas em estádios municipais poderiam ser televisionadas. Os dirigentes dos clubes passaram a jogar apenas no Morumbi, estádio do São Paulo Futebol Clube. Ribeiro relata que "a briga entre cartolas e empresários era a gota d'água que faltava para a implosão da TV Paulista, uma das emissoras proibidas de transmitir os jogos." (RIBEIRO, 2007, p. 195)

A primeira transmissão ao vivo de um evento para todo o mundo só poderia ser do maior campeonato do planeta: a Copa do Mundo de futebol. A competição que aconteceu no ano de 1970, no México, foi exibida no Brasil pela TV Globo, TV Tupi e TV Record. Walter Clark, o principal diretor do Grupo Globo, foi o responsável pela negociação da compra dos direitos de transmissão, no valor de 750 mil dólares. "Apesar da força do rádio, quem poderia deixar de assistir à primeira Copa transmitida ao vivo pela televisão? O problema é que nem todos tinham televisão, e muito menos receptores que recebessem a transmissão colorida" (RIBEIRO, 2007, p. 210), relembra Ribeiro. Por causa das dificuldades técnicas e constantes

quedas de sinal, as emissoras tiveram que ter um narrador em *stand-by* caso algo desse errado. Foi então que Léo Batista, da Globo, narrou o primeiro gol transmitido ao vivo para o Brasil, na partida entre Peru e Bulgária.

Já a primeira transmissão em cores de uma partida de futebol na América do Sul foi realizada algum tempo depois. Foi em 1972 que a TV Rio exibiu ao vivo Caxias x Grêmio. Luiz Mendes narrou o jogo que terminou empatado em zero a zero.

A Copa do Mundo seguinte foi transmitida no Brasil pela Globo e pela Tupi. As televisões Bandeirantes, Record e Gazeta fizeram uma transmissão em conjunto, chamada de *pool*. Ribeiro explica que “somente um jogo era transmitido ao vivo, e outro, escolhido entre os melhores do dia, era gerado em videotape.” (RIBEIRO, 2007, p. 228)

“Futebol televisionado voltou a ser grande polêmica no ano de 1977” (RIBEIRO, 2007, p. 245), relata Ribeiro. A Confederação Brasileira de Desportos começou a negociar com as emissoras os direitos de transmissão das partidas. “Era o início das negociações sobre os direitos de transmissão que, pela sobrevivência, levariam os clubes a uma crônica dependência da televisão” (RIBEIRO, 2007, p. 246), explica o autor. O presidente do Flamengo na época, Márcio Braga, foi o precursor dos pedidos de “direito de arena”, para os jogadores e clubes receberem cotas das televisões. As finais do Campeonato Paulista entre Corinthians e Ponte Preta foram vendidas por quatro milhões de cruzeiros cada.

A Rede Globo tem os direitos do principal campeonato de futebol brasileiro desde 1995. Dois anos depois, seu preço foi valorizado. Coelho conta que os clubes acreditaram que seu dividendo fosse aumentar, mas a verdade é que hoje as equipes dependem da televisão. No caso, dependem da Globo. “A emissora transmite os jogos como show. Quase nada anda errado” (COELHO, 2013, p. 64), comenta Coelho. O autor explica que todos os elementos para a construção de uma matéria jornalística estão à disposição de quem quiser, mas o que menos vemos em uma transmissão de jogos de futebol são matérias. Coelho explica porque: “tudo o que importa, afinal, é o show dos locutores e repórteres.” (COELHO, 2013, p. 64)

No fim dos anos 1980, não era sempre que a Globo transmitia as competições, então a Record e a Bandeirantes disputavam a liderança dos telespectadores. “A Bandeirantes até se intitulou “O Canal do Esporte” e transmitiu jogos com exclusividade em campeonatos brasileiros de 1986 a 1993” (COELHO, 2013, p. 65), relata Coelho. Mesmo assim, a Rede Globo sempre apresentou os melhores momentos no dia seguinte no seu principal programa

de esporte, o Globo Esporte. Segundo Coelho o grupo “em suma, fazia jornalismo.” (COELHO, 2013, p. 65) Ribeiro acredita que “a maior dificuldade em superar a Globo aparecia nas grandes coberturas, como a de uma Copa do Mundo, por exemplo.” (RIBEIRO, 2007, p. 254) A causa desse problema era financeira. A televisão de Roberto Marinho comprou os direitos da Copa do Mundo de 1982, na Espanha, por 14 milhões de dólares. E não parava por aí: sua estrutura era a melhor da época. Ribeiro explica que no mundial seguinte não foi diferente:

Na Copa do Mundo do México, em 1986, ninguém podia reclamar. Assim como acontecera na Copa de 1974, a TV Globo não conseguiu exclusividade do evento, e um novo pool de emissoras foi formado para transmitir os jogos. Record, Bandeirantes e SBT criaram até um slogan para o trabalho: “Unidos Venceremos”. (RIBEIRO, 2007, p. 263)

E quem brilhou e estourou pela Globo no campeonato mundial de 1986 foi o Galvão Bueno, que tinha sido contratado em 1981 para a transmissão do maior campeonato de automobilismo do mundo: a Fórmula 1. Osmar Santos deveria ter sido o narrador titular, mas teve um problema de saúde. Além da concorrência da cadeia “Unidos Venceremos” a Globo ainda tinha a disputa com a TV Manchete.

“A velha briga entre empresários de televisão e dirigentes de clubes e federações pelo direito de exibição de partidas ao vivo era outro fator importante para agravar a crise que o futebol brasileiro vivia” (RIBEIRO, 2007, p. 266), relata Ribeiro. Tudo isso porque os dirigentes acreditavam que o esvaziamento dos estádios se dava devido às transmissões das partidas pela televisão. Porém Ribeiro explica que: “ruim com ela, pior sem ela. Então, dirigentes e empresários chegaram a um acordo, e a partir de 1987 a televisão voltou a ter o direito de televisionar jogos ao vivo.” (RIBEIRO, 2007, p. 266) Os jogos que seriam televisionados eram sorteados e cada veículo de comunicação podia levar ao estádio dois fotógrafos e dois repórteres, que ficavam atrás do gol. O controle era feito pela Associação dos Cronistas Esportivos.

Nos anos 1990, a marca da Seleção brasileira passou a se valorizar com a troca do seu patrocínio chefe, da empresa de refrigerante Pepsi para sua maior concorrente Coca-Cola. Com isso, seu preço para direitos de exibição de suas partidas subiu de 120 mil dólares para dois milhões.

A inovação voltou a estar presente nas transmissões da Globo na Copa do Mundo de futebol. Em 1994, a emissora colocou quatro câmeras exclusivas no campo, um *super slow*

motion e recursos de *touch screen* para os apresentadores analisarem as jogadas. “Investir em um evento de alcance mundial era quase uma obrigação, ainda mais com o número impressionante de telespectadores que passaram a acompanhar o maior evento do futebol mundial” (RIBEIRO, 2007, p. 279), entende Ribeiro.

A Copa do Mundo da França foi vendida novamente para a Globo, dessa vez com exclusividade. A emissora pagou 220 milhões de dólares. “Aos outros canais de televisão restou à realização de debates com a participação de suas maiores estrelas. Mesmo sem poder exibir jogos ou compactos, a concorrência entre as emissoras era enorme” (RIBEIRO, 2007, p. 293), relata Ribeiro. Quase todos os grupos de comunicação reforçaram seu time para o campeonato de 1998. O convidado mais badalado foi o da tevê Globo: Romário. A emissora pagou 40 mil reais para cada participação do baixinho. “A última Copa antes da virada do século XX atingiu a espantosa marca de 35 bilhões de telespectadores em todo o mundo” (RIBEIRO, 2007, p. 294) observa o autor.

Os direitos de transmissão naquela época eram muito mais baratos do que atualmente, independente do campeonato. Corinthians e Flamengo são as equipes que mais recebem – em torno de 200 milhões de reais. Coelho (2013) entende que é através do índice de audiência que verificamos se a transmissão tem sido valorizada. O que conta também é o cunho jornalístico contido nas partidas, não o comercial.

O principal problema dos direitos de transmissão dos campeonatos, para Coelho (2013), é a exclusividade de exibição, visto que muitas vezes as concorrentes não têm permissão nem para exibir os gols dos confrontos. “Que a Globo comprou os direitos e que isso lhe dá direito exclusivo de mostrar as partidas na íntegra, não há dúvida. A questão é tolher o jornalismo, castrar o direito à informação do resto dos telespectadores” (COELHO, 2013, p. 66), argumenta o autor. Ele propõe o questionamento de que se a emissora possui os direitos, por que não transmite o jogo na íntegra? Muitas partidas de equipes fora do eixo Rio-São Paulo têm apenas os gols mostrados. “A Globo escolhe os jogos que compra e decide se quer ou não transmiti-los. Mas ela tem esse direito?” (COELHO, 2013, p. 67), questiona o autor. Para ele, essa proibição não é jornalismo.

“Não, isso tudo não faz parte do repertório de jornalistas, que têm como missão informar ao maior número de pessoas o que se passa em situações de interesse geral” (COELHO, 2013, p. 67), defende Coelho. Isso se dá porque, na maioria das vezes, quem decide não é jornalista. Geralmente quem pode exibir são divulgadores e parceiros da

televisão. “Alguém que, como parceiro, impede simplesmente que as informações menos favoráveis cheguem ao ouvido do receptor e o transforme cada dia mais em ser passivo, incapaz de avaliar o que anda bem e o que anda mal diante de seus olhos” (COELHO, 2013, p. 67-68), acrescenta Coelho.

3 O BRASIL NA COPA DO MUNDO DE BASQUETE

As partidas analisadas foram realizadas nos dias 30 de agosto de 2014, 31 de agosto de 2014 e 10 de setembro de 2014, entre as seleções do Brasil e da França, do Brasil e do Irã e do Brasil e da Sérvia, respectivamente. Os jogos foram transmitidos ao vivo pelas duas emissoras observadas neste trabalho, SporTV e ESPN. Para tal análise, as partidas foram gravadas, assistidas diversas vezes e decupadas.

Como princípio de análise, serão trabalhadas apenas as falas dos participantes das transmissões. Como a distribuição de imagem da Copa do Mundo de Basquete é feita por uma empresa contratada pela organizadora do evento, a Federação Internacional de Basquetebol, (FIBA), as cenas exibidas pelos dois canais eram as mesmas. As únicas imagens que não eram iguais pertenciam à câmera exclusiva do SporTV. A emissora comprou um espaço para por seu equipamento nos ginásios das partidas para incrementar as já disponibilizadas pela FIBA (*International Basketball Federation*).

O evento teve cobertura de diversos veículos de todo o mundo. Por ser um esporte sem tanto apelo no Brasil, nenhuma televisão aberta transmitiu os jogos, seja ao vivo ou em outros horários. Os direitos de transmissão para o Brasil eram dos canais SporTV e ESPN. Eles exibiram ao vivo todas as partidas da Seleção Brasileira e alguns outros jogos de outras seleções quando o horário se encaixava na programação. Também houve exibição de reprises em horários alternativos. Mas nem sempre a transmissão do jogo do Brasil aconteceu no seu canal principal, pois cada emissora possui três canais com programações diferentes. Os três canais pertencem à mesma rede, que emite o mesmo conteúdo, mas com grade de programação diferente. Por exemplo, com jogos de futebol e basquete no mesmo horário, o principal canal da emissora (SporTV – 539, ESPN – 570, pela operadora NET) transmitia futebol, e no outro havia o basquete.

O SporTV, como eles mesmos comentaram durante a transmissão, estava com sua equipe completa na Espanha. Contavam com o narrador Roby Porto, os comentaristas Byra Bello e Carlos Renato dos Santos, o repórter Guido Nunes e o repórter cinematográfico Yoni Bordalba. Todos participaram nesta partida analisada, tendo como líder da transmissão Roby Porto. Ele era o responsável por conduzir a transmissão, chamando a participação dos colegas, de replays da câmera exclusiva, as atrações da grade de programação do canal e dos intervalos

comerciais. Barbeiro e Rangel (2013) explicam que o narrador precisa saber ser um âncora durante as transmissões esportivas. O âncora:

É a acomodação do bom humor com a fidelidade das notícias e a perpetuação do conceito ético no esporte. Em vez de alguém que apenas narra o que vê, ele se transforma em um participante ativo de todas as etapas do processo de uma transmissão esportiva, desde a elaboração da pauta até o balanço final da transmissão. (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 74).

Através de seu papel de narrador, Roby Porto trouxe a dinâmica para a transmissão, considerada um elemento fundamental por Barbeiro e Rangel (2013). Essa dinâmica foi o fio condutor da exibição e prende a atenção do telespectador. Através da sua condução, abriu caminho para o papel dos comentaristas de sua equipe, Byra Bello e Carlos Renato dos Santos. Barbeiro e Rangel definem o papel de comentarista como o de quem “tem a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de forma diferenciada” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 78). Seus papéis eram analisar o que aconteceu durante a partida e também antever o que poderia estar por vir. Coelho (2013) reitera que “o comentarista e o repórter é quem tem obrigação de analisar friamente o que está ali, na cara do espectador.” (COELHO, 2013, p. 64).

Roby Porto é narrador desde 1995 e iniciou sua carreira na ESPN Internacional, nos Estados Unidos. Trabalha no SporTV desde 2006. Byra Bello é formado em educação física e leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Universidade Gama Filho e na Universidade Estácio de Sá. Além de professor, é ex-atleta de basquetebol. Carlos Renato dos Santos, ou Renatinho, é formado em educação física, também ex-atleta e árbitro pela Confederação Brasileira de Basquete. Ele já apitou as finais olímpicas do basquete masculino em 2000, em Sydney, e em 2004, em Atenas. Os dois comentaristas estão dentro do ideal formulado por Barbeiro e Rangel, no qual “o comentarista precisa ter conhecimento do assunto, experiência e vivência do esporte” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.79). Eles têm de ser o que mais possui conhecimento das regras do esporte, como é o caso de Carlos Renato dos Santos que é árbitro experiente da FIBA. Coelho (2013) também explica que a formação do bom profissional nem sempre vem da faculdade de jornalismo:

A cada dia que passa, mais gente julga absolutamente dispensável a obrigatoriedade do diploma de jornalista para o exercício da profissão. E já ficou caduco mesmo esperar que o diploma seja o principal mecanismo para entrar no mercado de trabalho. O principal mecanismo é o conhecimento, que se adquire em bom curso de graduação em qualquer área. (COELHO, 2013, p. 41)

Já a ESPN em nenhum momento fez menção de onde está ocorrendo sua transmissão. Mas entende-se que estava sendo feito de um estúdio da emissora em São Paulo, visto que não

mandaram representantes para a Espanha para cobrir o evento, apenas compraram os direitos de exibição. Barbeiro e Rangel acreditam que:

O âncora deve deixar claro se não estiver no estádio. Nos campeonatos mundiais é comum que as transmissões do áudio valham para TV e para rádio, e sejam feitas de um centro de divulgação (*off tube*). O público tem o direito de saber. Transparência não derruba audiência e ajuda a construir a credibilidade. (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.76)

Como não estavam presentes, não continham o recurso da câmera exclusiva disponível. A equipe era composta pelo narrador Cledi Oliveira e pelo comentarista e Wlamir Marques. Cledi Oliveira era o responsável por conduzir a transmissão da ESPN. Ele chamava a participação de Wlamir, a interatividade, as atrações da grade de programação do canal e os intervalos comerciais.

Cledi Oliveira é narrador esportivo e radialista. Wlamir Marques foi jogador da Seleção Brasileira de basquete, bicampeão mundial (1959 e 1963) e duas vezes medalhista olímpico (bronze nos jogos de Roma e Tóquio).

3.1 COPA DO MUNDO DE BASQUETE 2014

O antigo Campeonato Mundial de Basquete mudou de nome e chama-se agora Copa do Mundo de Basquete. O principal evento de basquete do mundo tem organização da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) e da federação local que sedia os jogos. A competição ocorria de quatro em quatro anos, mas a partir de 2014 passa a ocorrer de cinco em cinco anos para não coincidir com os anos da Copa do Mundo de futebol.

A primeira edição foi realizada na Argentina, em 1950, que contou apenas com os jogos da categoria masculina. A primeira disputa do torneio feminino ocorreu em 1953.

Sua XVII edição masculina aconteceu na Espanha pela segunda vez, em seis cidades - Madri, Barakaldo (Bilbau), Barcelona, Granada, Las Palmas e Sevilha. Dos dias 30 de agosto a 14 de setembro, 24 seleções participaram da Copa do Mundo. As vagas para disputar o campeonato estavam divididas em: país anfitrião, o Campeão Olímpico de 2012, três equipes da Ásia, duas da Oceania, três da África, quatro das Américas, seis da Europa e mais quatro equipes convidadas pela Federação Internacional a disputar o torneio.

Elas foram divididas em quatro grupos de seis participantes cada. O grupo A era composto por: Espanha, Brasil, França, Sérvia, Irã e Egito. O grupo B era composto por Grécia, Croácia, Argentina, Senegal, Porto Rico e Filipinas. O grupo C era composto por Estados Unidos, Turquia, República Dominicana, Nova Zelândia, Ucrânia e Finlândia. E o grupo D era composto por Lituânia, Eslovênia, Austrália, México, Angola e Coréia do Sul. Os quatro primeiros de cada grupo passaram para as oitavas-de-final, fase eliminatória na qual só o vencedor ultrapassou de etapa, até a grande final que contou com Estados Unidos x Sérvia.

O Brasil já conquistou duas medalhas de ouro no antigo mundial, em 1959 e em 1963. Conquistou também duas medalhas de prata em 1954 e em 1970 e duas de bronze em 1967 e 1978.

3.2 BRASIL x FRANÇA

Durante a transmissão do SporTV, Roby Porto chamou a atenção dos telespectadores para imagens registradas pela câmera exclusiva seis vezes. Na primeira participação Roby estava mencionando imagens da partida com o jogador brasileiro Anderson Varejão: “Vocês estão vendo imagens exclusivas da nossa câmera SporTV acompanhando o Anderson Varejão, pertinho ali do camisa número 12, o Gobert que foi um dos principais nomes dessa Seleção francesa achando espaços dentro do garrafão.”¹ (PORTO, 2014.) Além de lances cotidianos durante a partida, a câmera exclusiva foi usada durante a transmissão para esclarecer lances duvidosos, seja favorável a marcação da arbitragem ou não. As imagens exclusivas nunca eram exibidas logo após o lance, mas sim um tempo depois. O narrador anuncia que em seguida irá mostrar as imagens e, alguns minutos depois, chama os lances. Como neste exemplo: “Daqui a pouquinho a gente vai ver se o Alex foi empurrado ou não, com a nossa câmera exclusiva, sem perder nenhum momento, nenhuma imagem da seleção brasileira aqui na quadra.” (PORTO, 2014). Três minutos depois os lances foram mostrados: “A gente falou daquela imagem do Alex, do contra ataque, se teria sido empurrado ou não. Vamos ver de novo. A Seleção brasileira parte em velocidade com uma jogada com o Nenê e olha só a imagem da nossa câmera exclusiva do SporTV. Se isso aí não é empurrado, então eu

¹ Roby Porto, narrador do canal SporTV na Copa do Mundo de Basquete 2014.

não sei o que é empurrão. Imagens do nosso repórter cinematográfico Yoni Bordalba. Então, você vê aí no detalhe, ficou claro que foi empurrado.” (PORTO, 2014).

Barbeiro e Rangel acreditam que “a evolução tecnológica contribuiu também no campo editorial, porque com tantos detalhes registrados – como a dor de um jogador, o olhar de um cobrador de pênalti, a reação do torcedor-, o leque de pautas ficou muito mais amplo.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 98). Através desta câmera a mais, os autores salientam que a informação ganha mais espaço e um recurso maior para a busca de novas informações através das novas tecnologias, como é o caso da câmera exclusiva localizada em um espaço novo em relação aos utilizados pela empresa responsável pelas imagens da transmissão. Deve-se ficar atento o tempo todo para que a informação possa ser acrescentada baseada no que está sendo mostrado.

Nesta partida entre Brasil x França durante todas seis vezes em que as imagens da câmera exclusiva foram utilizadas Roby Porto descreveu o lance mostrado. Em duas oportunidades exaltou o trabalho do repórter cinematográfico do SporTV presente na partida: “A gente vai mostrar agora com a nossa câmera exclusiva a queda do Leandrinho, bem pertinho do nosso repórter cinematográfico Yoni Bordalba. Olha aí o Leandrinho tentando chegar, depois batendo no topo do aro e caindo em cima do ombro.” (PORTO, 2014)

O papel dos comentaristas das duas emissoras pode ficar bem claro em momentos pontuais da transmissão: no início – antes do jogo começar -, nos pedidos de tempo dos técnicos, no intervalo da partida e após o término. No início da transmissão do SporTV, o comentário de Byra Bello foi sobre a maneira como o técnico Rubém Magnano gostaria que o time jogasse:

O Magnano que quer a equipe corra e no trabalho de circulação espalhar bem seus jogadores pra ter boas oportunidades e convertê-las, os arremessos de quadra, dois e três pontos e quando for pra linha de lance livre tentar terminar o jogo com 77% mais ou menos de aproveitamento.² (BELLO, 2014)

Entretanto, Wlamir Marques na transmissão da ESPN, deu seu primeiro comentário projetando o campeonato como um todo e não esta partida específica:

Eu acho que é a grande chance que o Brasil possui agora de subir ao pódio. Eu acho que fica muito difícil você chegar a 1ª colocação, talvez até a 2ª, mas a grande chance de você ganhar uma medalha de bronze. Obviamente que a gente quer o título máximo, mas eu acho muito difícil. Eu vejo esse jogo com um dos mais importantes que o Brasil tem nesse campeonato mundial. Nesta chave nós temos a equipe francesa e temos a equipe Sérvia que são dois grandes obstáculos para o

² Byra Bello, comentarista do canal SporTV na Copa do Mundo de Basquete 2014

Brasil conseguir uma 2ª colocação. Eu acho que a 1ª colocação do grupo, eu acho muito difícil o Brasil vencer a Espanha dentro da Espanha quando é uma equipe preparada para ser campeã do mundo. Então, você entrando em 2º lugar, vencendo a França, vencendo a Sérvia, você tem grandes adversários aí que não são grandes forças, é o caso do Egito e do Irã.³ (MARQUES, 2014)

Durante a partida pelo canal ESPN, Wlamir Marques retomou seu comentário inicial, complementando o raciocínio com o que assistiu depois do primeiro tempo jogado entre as duas seleções:

Eu acho que o Brasil pode chegar ao pódio sim. Por isso também que esse jogo ele é muito importante. Porque se você ganha de uma França, depois você vai disputar essa 2ª colocação. Não vou falar do jogo da Espanha porque dificilmente o Brasil pode ganhar da Espanha. Agora dificilmente a Espanha vá perder dentro de casa e pra perder pode perder na final até lá eu acho que ela vai passar por todos adversários. (MARQUES, 2014)

Enquanto o jogo estava pausado devido a pedidos de tempo ou faltas marcadas, os comentários dos três analistas eram baseados em fatos que aconteceram na partida. E não em projeções do campeonato. Um ponto citado pelas diferentes emissoras foi a defesa brasileira. Ambas interpretaram o jogo e deram sua opinião sobre o sistema defensivo. Pelo SporTV, Carlos Renato dos Santos comentou no final do segundo quarto que “Brasil não fez um bom 1º quarto de partida, trabalhou mal defensivamente. O ataque cinco contra cinco, se encontrou muito ansioso, querendo decidir rápido sem um bom posicionamento, mas vai melhorar.”⁴ (SANTOS, 2014). Wlamir Marques destacou, durante o primeiro quarto de partida, que “uma das coisas fortes que o Brasil tem apresentado ultimamente é a defesa, mas aí tá sentindo dificuldade. Os jogadores tão fazendo troca, ou seja, em qualquer *trocruz* estão trocando e tá havendo desequilíbrio de força.” (MARQUES, 2014).

Por estarem representando a figura da emissora, os narradores estavam encarregados de anunciar a grade de programação da mesma. No intervalo da partida, Roby Porto chamou o, também narrador, Jader Rocha para fazer o Giro SporTV. O Giro SporTV é um quadro gravado, no qual Jader Rocha trazia, sem aparecer no vídeo, os resultados com imagens do Mundial masculino de Judô. Em seguida, Roby Porto fazia um link com o outro mundial que estava sendo transmitido pela emissora: “hoje tem estreia do Mundial de Vôlei masculino. Aqui de Granada, nós vamos para Varsóvia com Sérgio Maurício” (PORTO, 2014). Entrava, então, um boletim gravado pelo Sérgio Maurício, narrador, e o comentarista Nalbert sobre a cerimônia de abertura do Mundial de Voleibol. Além de comentarem as imagens da

³ Wlamir Marques, comentarista do canal ESPN na Copa do Mundo de Basquete 2014.

⁴ Carlos Renato dos Santos, comentarista de arbitragem do canal SporTV na Copa do Mundo de Basquete 2014.

cerimônia, Sérgio Maurício também chamava o público para assistir a primeira partida que o SporTV iria transmitir.

As chamadas para a programação da ESPN não ocorreram com interação com outros apresentadores do canal. Apenas Cledi Oliveira chamava o telespectador para assistir aos jogos transmitidos pela emissora. Foram cinco chamadas diferentes, todos realizados durante a partida, com exceção da terceira chamada sobre o jogo da Liga Norte-americana de Basquete, a NBA, no Rio de Janeiro que ocorreu durante o intervalo do jogo:

Você ligado conosco acompanha nos canais ESPN o melhor do basquete. Você tem nos canais ESPN a nova temporada da NBA. Um dos astros da NBA vai ao Rio de Janeiro: jogo histórico. Você ligado com a gente acompanha Lebron James pela primeira vez enfrentando o *Heat*, logo após o seu retorno ao *Cavaliers*. *Cleveland Cavaliers* x *Miami Heat*, com Lebron e o brasileiro Anderson Varejão, 11 de outubro, às 18 horas ao vivo na ESPN.⁵ (OLIVEIRA, 2014)

As outras quatro chamadas eram sobre dois programas distintos: a partida da Copa do Mundo de basquete entre Argentina x Porto Rico e as finais da WNBA – campeonato norte-americano de basquete feminino.

Um recurso utilizado pela ESPN foi o da interatividade através do site da emissora e das redes sociais (*Twitter* e *Facebook*). Para a utilização do *Twitter*, o canal criou uma *hashtag* (palavra-chave em um mecanismo de busca na internet) #espntemcopadomundodebasquete. Essa *tag* faz parte do novo projeto de marketing da emissora no qual todos os programas exibidos pelo canal tem uma *hashtag* com o início “espntem” e o final é sobre o assunto tratado no programa. No caso das transmissões da Copa do Mundo de basquete masculino, foi implantado “copadomundodebasquete” na palavra-chave. Durante a partida contra a Seleção francesa, Cledi Oliveira incentivou a participação do internauta sete vezes. Mas em nenhuma vez essa interatividade foi ao ar na transmissão. Barbeiro e Rangel acreditam que a interatividade deve ser um recurso usado por todos os canais por ser fundamental: “A interatividade com o público deve ser constante, tanto por meio dos repórteres no estádio, que não estarão mais postados atrás do gol, como pela internet, ferramenta fundamental para qualquer estúdio de transmissão.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.77)

Apenas duas vezes, uma antes do começo do jogo e outra no intervalo, Cledi Oliveira destacou a possibilidade de interação do público com os apresentadores, como esta no início da partida: “sigam a *hashtag* #espntemcopadomundodebasquete pra você ligado com a gente

⁵ Cledi Oliveira, narrador do canal ESPN na Copa do Mundo de Basquete 2014.

interagir através da nossa página e do nosso perfil no *Twitter*.” (OLIVEIRA, 20014). Nas outras vezes, o narrador apenas estimulou o acesso ao site e o uso da *tag* “acesse nossa página na internet. Você tá ligado com a gente acompanhando a Copa do Mundo de basquete.” (OLIVEIRA, 2014). Ou incentivou o acesso ao site e as redes sociais para o compartilhamento de notícias do canal e conferir a grade de programação: “Confira a programação dos jogos pelo espn.com.br, a página dos canais ESPN. Você pode conferir notícias e compartilhar. Siga pelo *Twitter* a *hashtag* #espntemcopadomundodebasquete.” (OLIVEIRA, 2014)

Ao longo das transmissões foram contabilizadas quantas vezes algumas palavras foram mencionadas durante as partidas. As palavras selecionadas foram o nome da emissora (SporTV e ESPN), o slogan que se referia ao nome da emissora (Canal Campeão fazia referência ao SporTV), a antiga denominação do campeonato (Mundial), a atual denominação (Copa do Mundo) e as duas principais denominações a equipe nacional (Seleção Brasileira e Brasil). Foram contabilizadas todas as vezes que as palavras foram ditas por algum dos componentes das transmissões, independentemente do contexto. Na tabela abaixo estão os números posicionados em palavras x emissora.

Tabela 1 - Brasil x França

	SPORTV	ESPN
SPORTV	21	0
CANAL CAMPEÃO	8	0
ESPN	0	41
MUNDIAL	25	8
COPA DO MUNDO	40	51
SELEÇÃO BRASILEIRA	197	158
BRASIL	383	215

Transmitindo a mesma partida, nota-se a diferença na utilização de algumas palavras e termos. O SporTV referiu-se a equipe brasileira 580 vezes pelos nomes analisados, enquanto a ESPN os utilizou por 373 vezes. Pode-se observar que a ESPN que fez tantas referências para sua grade de programação durante a partida também foi quem mais fez referência ao seu nome durante a transmissão. Enquanto ela citou 41 vezes o seu nome, o SporTV fez referência a si mesmo apenas 29 vezes.

3.3 BRASIL x IRÃ

Na transmissão da segunda partida da Seleção brasileira na Copa do Mundo de basquete, as duas emissoras contavam com a mesma equipe na transmissão. SporTV manteve o mesmo grupo de profissionais que estavam em Granada acompanhando o Brasil e a ESPN o mesmo também, com o Cledi Oliveira e o Wlamir Marques dos estúdios.

O SporTV destacou dez vezes o uso de sua câmera exclusiva na partida entre Brasil x Irã. Na primeira menção, o narrador Roby Porto estava, antes de o jogo começar, destacando a equipe que participava da transmissão:

Vale muito a sua torcida. Você acompanha conosco no SporTV direto de Granada com toda nossa equipe presente, trazendo pra você imagens exclusivas com nosso repórter cinematográfico Yoni Bordalba, trabalho de reportagem junto com Guido Nunes, junto com Carlos Renato dos Santos e Byra Bello. (PORTO, 2014)

Nas outras participações, o âncora trouxe a câmera exclusiva para revermos jogadas e lances e, apenas uma vez, para tirar a dúvida em uma marcação da arbitragem: “Você pode acompanhar isso nas nossas imagens exclusivas. Essa foi uma bola que o Leandrinho teve uma dúvida, uma incerteza, Renato. Você percebeu o que foi? O que aconteceu ali?” (PORTO, 2014). Nos demais lances, todos eram jogadas consideradas de efeito no basquete, jogadas que são exaltadas por quem está assistindo por serem jogadas difíceis e bonitas, como o toco, a enterrada e a ponte aérea. Quando o jogador brasileiro Nenê deu uma enterrada no jogo, Roby Porto já chamou a atenção que logo em seguida iríamos ver a jogada pelo ângulo exclusivo da emissora. Depois, enquanto as imagens eram exibidas, ele narrou o lance:

Tá aí a fera. Ele que fez aquela enterrada Nenê. Destaque a média distância, marcando dois pontos essa jogada individual. Depois puxou um contra ataque batendo pra dentro, indo na bandeja. Essa ele tentou, foi a primeira tentativa dele, não conseguiu ali a passada perfeita pra cravada que veio depois que você curtiu com nossa câmera exclusiva da cobertura do SporTV na Copa do Mundo de basquete. (PORTO, 2014)

Os comentários do início da partida no SporTV eram projetando o confronto e lembrando como foi a primeira partida brasileira na competição. Para sua fala inicial na transmissão, Byra Bello idealizou o que acreditava que iria acontecer no jogo e trouxe dados do principal jogador adversário:

Vai ser um confronto muito interessante. O armador iraniano fez uma partida muito interessante ontem contra a equipe da Espanha. Apesar da derrota por 30 pontos (90x60), ele foi um dos destaques. Anotou quatro bolas de três pontos, terminou

com 18 pontos. O cestinha da partida foi o Gasol que fez 33 pontos numa bela noite. (BELLO, 2014)

Já na ESPN, o primeiro comentário de Wlamir Marques foi respondendo uma pergunta do narrador Cledi Oliveira se o jogo a seguir assustaria a Seleção brasileira:

Não, lógico que não assusta não. O último jogo no retrospecto, o Brasil venceu por 40 pontos, disputado na Eslovênia. A lógica ali é que era um torneio de preparação, não havia muita preocupação com resultado pras duas equipes. Foi um resultado até atípico, não deveria ser 40 pontos. Agora hoje as coisas são diferentes. Não acredito que o Brasil possa perder para o Irã, ele deve ganhar com uma certa tranquilidade, não por 40 pontos. (MARQUES, 2014)

Logo no início da partida, o jogador brasileiro Tiago Splitter sofreu uma falta cometida pelo iraniano Hamed Haddadi que gerou dois lances livres para o brasileiro cobrar. Neste instante, as equipes das diferentes emissoras emitiram opiniões bem semelhantes. Pelo SporTV, Roby Porto trouxe uma informação de como estava o desempenho do pivô da Seleção brasileira no quesito:

Os lances livres têm sido nesses últimos anos um dos grandes problemas da Seleção brasileira. Com a camisa do *San Antonio Spurs* nessa temporada, chutou em 59 jogos, ele teve até um aproveitamento razoável dentro do panorama do basquetebol do cenário brasileiro nos últimos jogos. Chutou quase 70%. Depois da pós-temporada, o Tiago melhorou um pouquinho quando foi campeão da NBA, pulou para 72% na fase de playoff da NBA. Na carreira, o Tiago tem um aproveitamento de 68%. A gente sabe que ele tem uma dificuldade, né Byra, mas se conseguir ficar nesse patamar já tá bem razoável pro que a gente tem visto da Seleção brasileira nos últimos jogos. (PORTO, 2014)

Quando Roby Porto terminou de dar sua informação, o repórter Guido Nunes trouxe um relato de uma entrevista sua com o Tiago Splitter: “a gente conversou com o Tiago Splitter aqui durante essa preparação em Granada, e ele falou que não existe treino de última semana que vá melhorar. Que a questão mesmo é apenas a concentração.”⁶(NUNES, 2014). A discussão sobre o assunto estendeu-se, pois o Carlos Renato dos Santos trouxe uma opinião mais técnica: “Agora, o Byra como professor pode até falar melhor. É engraçado que o lance livre do Tiago Splitter quando ele não entra lá, dá bico. Não é aquele lance livre que bate no aro dentro e sai. Ele sempre dá bico. Parece sempre um lance livre curto.” (SANTOS, 2014). Como o comentarista mencionou Byra em seu comentário, ele complementou com sua experiência técnica de professor de basquete:

É que a mecânica do Tiago não é muito legal, então isso é defeito lá da base, lá do primeiro técnico. E ele não dá muito arco na bola. Quer dizer, quando a bola sai rasante o ângulo de entrada da bola na cesta diminui. Então, você aumenta essa parábola, você aumenta essa curvatura e esse ângulo aumenta. Aí a probabilidade de acertar é maior. (BELLO, 2014)

⁶ Guido Nunes, repórter do canal SporTV na Copa do Mundo de Basquete 2014.

Wlamir Marques na transmissão da ESPN relatou sua indignação com o desempenho brasileiro no mesmo quesito: “Não podemos ficar errando lance livre, né? Lance livre é o trauma da Seleção, né? Tá todo mundo reclamando da quantidade de lance livre perdido.” (MARQUES, 2014). Em seguida, comparou o Brasil com outras seleções e complementou com informações técnicas de sua experiência:

Lance livre é repetição, prática. Você não pensa muito no lance livre, é automático. O braço é mantido de tal forma que você conhece a força, você conhece altura. Então é treinar. Não é possível que você tenha uma quantidade de jogadores da NBA, Anderson, Nenê, Tiago que errem tanto lance livre. Talvez eles compensem em outras coisas. Mas são jogadores que arremessam muito lance livre, embora o Tiago tenha melhorado. A mecânica do lance livre dele é horrível, melhorou um pouco agora. (MARQUES, 2014)

Nota-se que nas duas transmissões se trouxe o fato de que o jogador Tiago Splitter tinha melhorado seus arremessos de lance livre. Entretanto no SporTV, o narrador Roby Porto trouxe os números de seu desempenho, enquanto na ESPN o fato foi apenas dito superficialmente pelo comentarista. Além de tudo, o SporTV trouxe o relato do repórter de uma entrevista realizada com o atleta sobre o assunto.

Byra Bello trouxe a tona, em um de seus comentários, um assunto que esteve muito presente na primeira partida o Brasil no campeonato: a defesa. Durante o intervalo entre o primeiro e o segundo quarto de jogo, ele disse: “cada jogo é uma história, mas o Brasil melhorou a defesa, né? Você viu que o Alex roubou a bola, fez outra bandeja. Tem que começar pela defesa. Não existe equipe de basquetebol hoje sem defesa. E o Brasil provou isso ontem na vitória contra a França.” (BELLO, 2014) Wlamir Marques também comentou sobre a defesa brasileira:

Agora esse quarto aí, esse jogo do Brasil, o último quarto o Brasil ganhou por 23 a seis. Quer dizer, deixou a equipe do Irã fazer apenas seis pontos e deixou fazer 18 no primeiro quarto. Então, a defesa foi mais consistente, surgiu contra ataque muito importante. O placar foi aberto em contra ataque, com a característica do Leandrinho com o Alex como um jogador que pode ser utilizado mais vezes, a gente pode trabalhar mais o contra ataque, não precisa ficar apenas preso em jogo de armação. Contra ataque é uma grande arma para uma cesta mais fácil, sem seu adversário acompanhar melhor. Você tem velocidade pra isso. Vamos sair daquela mesmice, vamos criar outros recursos pra gente poder ganhar o jogo. (MARQUES, 2014)

Ao final da partida houve, nas duas transmissões, outro tema em comum que guiou os comentários: o próximo confronto que seria contra a seleção da casa, a Espanha. Byra Bello estava analisando o grupo A, pelo qual a Seleção brasileira está jogando, e projetou a partida contra os espanhóis:

É um grupo muito difícil. A França hoje se perdesse o jogo estaria uma posição muito complicada, podendo ficar em quarto lugar. Agora a Sérvia depende de uma vitória contra o Brasil. O Brasil perdendo pra Espanha e pra Sérvia vai haver um empate entre as três equipes e aí nós vamos para os critérios de desempate. Mas eu creio que o Brasil tem condições de vencer a Sérvia e fazer um bom jogo amanhã, um jogo contra a Espanha. (BELLO, 2014).

Wlamir Marques também fez projeções sobre o que seria o próximo jogo e falou sobre o favoritismo da anfitriã:

Eu acho que é um jogo equilibrado. O Brasil favorito não é. Favorito é a Espanha, pelo fato de tá jogando em casa. Se não tivesse em casa, eu acredito até que o Brasil faria um jogo equilibrado, não teria favoritismo pra ninguém. Hoje a Seleção brasileira ela não deve pra ninguém, então ela enfrenta qualquer seleção do mundo em igualdade de condições, podendo ganhar ou perder. (MARQUES, 2014)

A grade de programação dos canais também foi assunto durante as transmissões. Por doze vezes Roby Porto chamou a atenção do telespectador para algum programa do SporTV, como, por exemplo, a próxima partida do Brasil na competição:

Amanhã a Seleção brasileira enfrenta a Espanha às dez da noite, horário local, cinco da tarde, horário de Brasília. Portanto a Seleção brasileira entra em quadra amanhã na segunda-feira contra a Seleção da Espanha. Nossa transmissão começando às 16h30 horário de Brasília, para você poder curtir o nosso pré-jogo, todo clima do ginásio em Granada que vai lotar com certeza. (PORTO, 2014)

No intervalo do confronto, assim como no primeiro jogo, Roby Porto chamou a participação do Jader Rocha no quadro gravado Giro SporTV: “vamos com o Jader Rocha que vai trazer pra gente o giro SporTV de hoje falando sobre os esportes, com a nossa cobertura do Canal Campeão. Jader, um grande abraço, amigo.” (PORTO, 2014). Logo em seguida, Roby Porto chamou o jornalista Fernando Saraiva que entrou, com um boletim gravado, direto da Polônia trazendo informações do Campeonato Mundial de vôlei:

Curtindo, portanto o Canal Campeão trazendo pra vocês as principais competições esportivas. Você curtiu ontem o campeonato mundial, a abertura direto de Varsóvia, em um estádio de futebol completamente lotado. Saímos do Brasil, viemos aqui pra Granada mais uma vez e daqui nós vamos para Polônia. Nós vamos para Katuvisse, onde está o repórter Fernando Saraiva que fala sobre o mundial de vôlei. O Brasil que estreia contra a Seleção da Alemanha. Tudo bem, Saraiva? (PORTO, 2014)

As chamadas do canal ESPN não tiveram a interação com outros jornalistas. Apenas o narrador Cledi Oliveira chamava a atenção do telespectador para outros jogos e torneios que a emissora iria transmitir. Eram basicamente para as mesmas atrações que foram lembradas no primeiro jogo analisado: as finais da WNBA e o próximo jogo da Seleção brasileira, nesse caso contra a anfitriã Espanha. A Copa do Mundo de basquete feminina também foi pauta da partida:

Amanhã cinco da tarde o Brasil joga contra a Seleção da Espanha. Quarta-feira o Brasil joga contra a Sérvia. Amanhã, cinco da tarde, quarta-feira a uma da tarde. Fique ligado na nossa programação. Você também vai acompanhar a Copa do Mundo feminina que acontece na Turquia a partir do dia 27 de setembro. (OLIVEIRA, 2014)

Como na primeira partida, a chamada para a interatividade se fez presente na transmissão da ESPN. Mas também não houve a real interatividade, pois nenhuma mensagem ou opinião do telespectador foi apresentada na televisão. Dessa vez, o site e a *hashtag* #espntemcopadomundodebasquete foram os canais anunciados. Cledi Oliveira anunciava a *tag* para o telespectador seguir: “Siga a *hashtag* da ESPN: #espntemcopadomundodebasquete pra você ligado conosco nos canais ESPN.” (OLIVEIRA, 2014) ou informava que pelo website era possível acessar a grade de programação do canal: “Acesse a nossa página na internet, acompanhe a programação da ESPN, vem aí série final, série decisiva pelo título da WNBA. Confira a programação completa, começa no próximo sábado. Você pode conferir a programação completa pelo espn.com.br.” (OLIVEIRA, 2014)

As mesmas palavras que foram contabilizadas na primeira partida foram contabilizadas nesta também. A partir dos mesmos critérios de contagem, pode-se analisa-las a partir da tabela abaixo disposta em palavras x emissora.

Tabela 2 - Brasil x Irã

	SPORTV	ESPN
SPORTV	22	0
CANAL CAMPEÃO	15	0
ESPN	0	25
MUNDIAL	22	7
COPA DO MUNDO	25	36
SELEÇÃO BRASILEIRA	142	132
BRASIL	195	106

Ao contrário do que na primeira partida analisada, a referência ao nome do SporTV (seja através do próprio nome ou do slogan ‘Canal Campeão’) foi citada mais vezes do que o nome da ESPN. Isso se explica pela quantidade a mais de vezes que a grade de programação do SporTV foi anunciada (12 a seis, exatamente a metade). Nem mesmo com as menções à interatividade o nome da ESPN chegou próximo à quantidade de vezes que o outro canal foi citado.

A equipe brasileira foi mencionada 337 vezes pelo SporTV, enquanto a ESPN mencionou 238 vezes, quase 100 vezes a menos. Em comparação ao primeiro jogo, a diferença na citação ao grupo brasileiro foi muito menor, 243 vezes a menos pelo SporTV e 135 vezes a menos pela ESPN.

3.4 BRASIL x SÉRVIA

Na última partida analisada, que também foi a última do Brasil na competição, tivemos a única derrota brasileira a ser estudada. A Seleção brasileira perdeu por 84x56 para a Seleção da Sérvia e foi eliminada nas quartas-de-final da Copa do Mundo de basquete. Por ser a única derrota observada, muitos pontos que nas duas primeiras partidas eram comuns, nesta foram um pouco distintos. As duas emissoras fizeram a transmissão com a mesma equipe que participou das outras partidas durante o campeonato.

No último jogo a câmera exclusiva do SporTV foi um recurso pouco usado. Apenas quatro vezes a referência à exclusividade das imagens foi citada. A primeira vez foi quando estavam mostrando o banco de reservas do Brasil no início da partida: “Você vai vendo imagens com a nossa câmera exclusiva, mostrando imagens do banco da Seleção brasileira.” (PORTO, 2014). Apenas uma vez o recurso foi utilizado para exaltar uma jogada bonita, ainda no primeiro tempo: “Por outro ângulo para você poder curtir. São imagens exclusivas do SporTV. O drible do Nenê em cima do Bjelica.” (PORTO, 2014).

No intervalo de partida o artifício foi usado para mostrar uma apresentação de dança aprontada pelos organizadores do evento: “É hora de dança, é hora de curtidão. Você vai curtir com imagens exclusivas.” (PORTO, 2014). Barbeiro e Rangel consideram que o âncora, ou até mesmo o comentarista, ao expressar um comentário mais descontraído, não está deixando de lado sua credibilidade: “A descontração, o bom humor, o sorriso não afrontam a credibilidade nem a seriedade do trabalho. É preciso ser isento, ético, exato, mas não carrancudo. O esporte é um divertimento para grande parte da população [...]” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 77).

Na última chamada para a câmera exclusiva, Roby Porto apenas lembrou a utilização do artifício pelo SporTV, sem marcar um lance específico: “Você vai vendo algumas imagens

exclusivas do SporTV nesse primeiro tempo de jogo” (PORTO, 2014). Nota-se que o recurso foi usado pela última vez ainda no primeiro tempo. No segundo tempo de partida, a Seleção sérvia se distanciou no placar da Seleção brasileira e poucas jogadas bonitas, principalmente para o lado brasileiro, foram executadas.

Antes de começar a partida o comentário inicial de cada emissora teve o mesmo viés: o primeiro jogo da equipe brasileira contra a Sérvia na Copa do Mundo de basquete. A partida aconteceu durante a fase de grupos, na qual o Brasil venceu por 81x73. Em seguida, Wlamir Marques, da ESPN, complementou sua primeira análise dizendo que nenhum jogo no basquete se repete:

Jogo equilibrado, como se esperava. Como eu disse: o jogo não se repete. Quem viu o último jogo que o Brasil venceu tá fazendo um jogo totalmente diferente. É lógico que nós tivemos um segundo tempo muito ruim, um terceiro quarto no jogo anterior, coisa que não aconteceu hoje. O jogo vai assim: quem jogar melhor, quem marcar melhor, abrir os pontos, acabar ganhando esse jogo. (MARQUES, 2014)

A sequência de comentários no SporTV guiou-se através da defesa brasileira. “O Brasil marca individualmente uma defesa muito pressionada e agora precisa ter atenção nessas trocas. Precisa usar muito a comunicação que é fundamental em qualquer sistema defensivo.” (BELLO, 2014). Já no terceiro quarto de jogo, o comentarista Byra Bello trouxe de novo o assunto ao seu comentário:

Brasil precisa primeiro voltar a defender. A defesa é fundamental. E segundo quando tiver com a posse de bola, tentar as infiltrações como o Leandrinho fez agora os seus dois primeiros pontos na partida. O principal pontuar da equipe brasileira na Copa do Mundo fez os seus dois primeiros pontos agora. (BELLO, 2014)

Outra análise que foi bem semelhante foi sobre o desempenho brasileiro representado pelo placar da partida. Carlos Renato dos Santos disse que: “O Brasil jogou muito mal principalmente no segundo tempo, mas eu concordo com o Byra. A Seleção brasileira não merecia esse placar. Eu acho que logicamente era um jogo difícil. Você poderia perder, mas não por uma diferença de placar como essa.” (SANTOS, 2014). Wlamir Marques também criticou o modo de jogar brasileiro:

Vou usar um raciocínio que eu uso sempre: o Brasil jogou muito mal. Mas não é só isso. A Sérvia fez um partidaço, desde o início do jogo. Explorou bem todas as áreas do Brasil. Estava lá em baixo na região de cima. Teodosic é um jogador difícil de ser marcado, desequilibra o jogo. Temos que levar em consideração isso, temos que valorizar o adversário, o que ele fez no jogo. Não é somente o que nós deixamos de fazer. Mérito total. Só pra acrescentar: perdendo esse jogo, que eu acho difícil de recuperar, o Brasil eu acho que ele alcança a quinta posição nesse campeonato mundial que também é uma posição honrosa. (MARQUES, 2014)

Quem também expressou comentários durante a partida foi o narrador da ESPN. Durante o terceiro quarto, no qual o Brasil estava perdendo por uma diferença grande de pontos, Cledi Oliveira mostrou-se bem incomodado com o resultado: "Não tem organização nenhuma mais a Seleção brasileira." (OLIVEIRA, 2014). Também cobrou uma atitude do técnico brasileiro Rubém Magnano: "Cadê meu tempo, Rubém Magnano? Brasil tá sem esquema nenhum! Nenhum!" (OLIVEIRA, 2014). No último quarto, o âncora expressou um comentário irônico: "A Sérvia continua em quadra. O Brasil não voltou ainda." (OLIVEIRA, 2014), visto que os dois times já estavam disputando a partida, mas o Brasil ainda não havia marcado pontos. Barbeiro e Rangel acreditam que este tipo de postura não deve ser adotado pelo narrador: "Narrar significa apenas expor, relatar, descrever o fato. Observar e comunicar. O jornalismo pressupõe um distanciamento crítico do acontecimento narrado." (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 66).

No final da partida os dois narradores evidenciaram a tristeza com a eliminação brasileira. Roby Porto disse que:

Termina o sonho de medalha da Seleção brasileira. A imagem exatamente no momento de decepção de quando cai a ficha. A Seleção brasileira eliminada por uma fortíssima Sérvia hoje, derrotada por 84x56. O Brasil se despede da Copa do Mundo de basquete. A Seleção brasileira que sonhava depois de tantos anos voltar a chegar a uma decisão, a uma busca de medalhas acaba eliminada na fase de quartas-de-final. Nós vamos vendo os jogadores brasileiros no centro da quadra. Os jogadores sérvios comemorando como têm todo direito de comemorar. Venceram a seleção que os derrotou em Granada, mostrando um basquetebol muito bom. Mas hoje a Sérvia foi superior. Venceu a Seleção brasileira e está classificada para uma semifinal da Copa do Mundo de basquete. Você vai vendo os jogadores sérvios brincado ali com os mascotinhos do jogo. (PORTO, 2014)

Enquanto Cledi Oliveira manifestou-se assim: "E o sonho por um pódio vai ter que aguardar mais cinco anos. O Brasil é eliminado da disputa de medalha na Copa do Mundo da Espanha. 84x56 para Seleção da Sérvia que aguarda o vencedor de Espanha x França que jogam logo mais às cinco da tarde." (OLIVEIRA, 2014).

Os comentários finais das duas emissoras também transpareceram a decepção e deixaram clara a opinião de que a Seleção brasileira não deveria passar por isso. Byra Bello, do SporTV, declarou que:

Eu penso que a Seleção brasileira não merecia isso na Copa do Mundo. No jogo não. No jogo o Brasil não foi bem, jogou muito mal realmente. O primeiro tempo ainda se manteve bem na partida. Mas a partir do terceiro quarto o time desandou, não marcou mais, consequentemente não teve contra ataque. No ataque de cinco contra cinco a equipe mal postada dentro de quadra e não conseguiu fazer nada. (BELLO, 2014)

Wlamir Marques também lembrou que não poderíamos esquecer-nos da atuação Sérvia:

Vou usar o mesmo argumento que usei agora a pouco: eu acho que qualquer crítica a essa Seleção brasileira ela não cabe. Não é o momento. Essa equipe chegou onde tinha que chegar e chegou onde ia chegar. E outra coisa, vamos enaltecer a vitória da Sérvia. Foi uma partida espetacular. Jogaram muito! Jogaram muito basquetebol, por isso abriram esses quase 30 pontos aí. O demérito não está na Seleção brasileira, tá no mérito da Seleção Sérvia. Foi espetacular essa noite de hoje. (MARQUES, 2014)

O principal destaque das chamadas para a grade de programação dos canais foi a outra partida das quartas-de-final Espanha x França, que aconteceria no mesmo dia que foi realizado o jogo entre Brasil x Sérvia. O SporTV, dos seus nove destaques, três foram para o duelo entre espanhóis e franceses. Entretanto, a ESPN fez o dobro de chamadas. Dos seus onze destaques, seis foram para essa partida. A Copa do Mundo de basquete continuou sendo assunto das chamadas, no SporTV assim: “São os segundos finais de participação da Seleção brasileira na Copa do Mundo de basquete. Mas você vai continuar curtindo conosco toda emoção de um dos principais torneios de basquetebol do mundo.” (PORTO, 2014). E na ESPN através da primeira semifinal: “Você acompanha a primeira semifinal amanhã às quatro da tarde, nos canais ESPN.” (OLIVEIRA, 2014) e da edição feminina do torneio: “Vem aí o mundial feminino. Vem aí a Copa do Mundo feminina, a partir do dia 27 de setembro, na Turquia. Hora das meninas brigarem pelo título mundial pra você ligado conosco nos canais ESPN.” (OLIVEIRA, 2014).

Como nos outros jogos, tivemos alguns programas que continuaram sendo anunciados nesta partida, como as finais da WNBA, pela ESPN, e o Mundial de Vôlei pelo SporTV. Como aconteceu nos outros confrontos, um jornalista do canal entrou direto da Polônia com as informações do campeonato. Desta vez, Sérgio Maurício que foi chamado por Roby Porto:

Mas antes da gente fazer essa análise do primeiro tempo, vamos falar da Copa do Mundo de vôlei. O Brasil hoje venceu a Bulgária por três sets a zero e quem conta a história da vitória da Seleção brasileira é nosso querido companheiro Sérgio Maurício. Grande abraço pra você, Maurício. (PORTO, 2014)

O que ocorreu de diferente desta vez foi que não houve o quadro Giro SporTV com o Jader Rocha, mas sim um comentário gravado de Alberto Bial, comentarista de basquete da emissora, com análises gráficas, feitas por um computador em cima das imagens, sobre alguns momentos da partida. Roby Porto anunciou assim: “Vamos fazer um passe longo e comprido pro Alberto Bial que vai trazer pra gente o nosso início de análise do primeiro tempo da Seleção brasileira. O Bial separou alguns lances, um lance da disposição tática do jogo de hoje. Pois não, Bial.” (PORTO, 2014) Um programa que também não tinha sido divulgado

nas partidas observadas foi o Campeonato Brasileiro de futebol. O narrador chamou a atenção dos telespectadores para o confronto entre as equipes do Cruzeiro e do Bahia: “Amanhã tem futebol campeão no SporTV. O Cruzeiro enfrenta o Bahia, primeiro jogo do segundo turno do Campeonato Brasileiro pra você curtir ao vivo direto do Mineirão, pra todo Brasil, menos pro estado de Minas Gerais, a partir das oito da noite.” (PORTO, 2014).

A interatividade também foi chamada nessa partida pela ESPN. Assim como nos outros jogos, Cledi Oliveira sugeriu aos telespectadores para acompanharem a *hashtag* #espntemcopadomundodebasquete pelas redes sociais, como o *Twitter*, e também para acessarem o site do canal espn.com.br para acompanharem a programação. O diferente desta vez foi que o narrador indicou que o público poderia mandar perguntas para a equipe: "Acesse a nossa página na internet espn.com.br. Mande sua pergunta. Siga nossa *hashtag* no *Twitter* #espntemcopadomundodebasquete." (OLIVEIRA, 2014) Entretanto, novamente nenhuma vez as mensagens do público ficaram disponíveis na transmissão, seja através de tarjas ou ícones na tela, ou pela fala dos profissionais, como respondendo as supostas perguntas enviadas pelos telespectadores. Não houve, de novo, a interação com o público, apenas o incentivo do envio de mensagens que não foram reproduzidas nesta transmissão pelo canal.

Foram contabilizadas outra vez as mesmas palavras das outras partidas. A partir dos mesmos critérios de contagem, analisaram-se as dispostas na tabela abaixo em palavras x emissora.

Tabela 3 - Brasil x Sérvia

	SPORTV	ESPN
SPORTV	17	0
CANAL CAMPEÃO	3	0
ESPN	0	35
MUNDIAL	8	14
COPA DO MUNDO	23	30
SELEÇÃO BRASILEIRA	108	100
BRASIL	190	150

O nome da ESPN, novamente, foi citado mais vezes que o do SporTV, fato da emissora ter feito mais chamadas à sua programação do que o outro canal (35x21). A menção ao campeonato (seja Mundial ou Copa do Mundo) também apareceu mais vezes na ESPN

(44x31) o que está relacionado à quantidade de vezes a mais que a emissora anunciou as outras partidas da Copa do Mundo de basquete (8x3). Em compensação, o SporTV referiu-se a equipe brasileira 298 vezes, enquanto a outra emissora referiu-se 250.

3.5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE SPORTV E ESPN

No primeiro jogo analisado, o SporTV utilizou da sua exclusividade em algumas imagens seis vezes. A ESPN não possuía este recurso. Os comentários do SporTV começaram por como seria melhor desenvolver o jogo da Seleção brasileira, comentando os fatos mais importantes que aconteceram e sobre a defesa. A análise da outra emissora iniciou-se projetando o campeonato, analisando os fatos que ocorreram e também finalizando com a defesa brasileira. Os anúncios da grade de programação do SporTV se deram no intervalo, a partir do quadro apresentado por Jader Rocha – que trazia o Mundial masculino de Judô – e pela participação dos jornalistas do canal na Polônia – sobre o Mundial masculino de vôlei. A grade de programação da ESPN foi divulgada pelo narrador Cledi Oliveira e as atrações anunciadas foram da NBA, da WNBA e da Copa do Mundo de basquete. A interatividade foi anunciada apenas pelo canal ESPN, que informou o uso da *hashtag*, das redes sociais e do site para o acompanhamento da programação do canal. Mas não pode ser acompanhada durante a transmissão essa interação da equipe com o público. O nome ESPN foi citado mais vezes durante sua programação do que o do SporTV. Mas a referência à equipe brasileira deu-se mais vezes no canal SporTV.

Na segunda partida analisada, o SporTV utilizou-se bem mais vezes da câmera exclusiva. Foram dez lances distintos. A ESPN novamente não possuía este recurso. Os comentários do SporTV começaram por projetar a partida e lembrar o primeiro jogo da Seleção brasileira, seguiram através do artifício do lance livre brasileiro, da defesa e projetaram a próxima partida que seria contra a anfitriã Espanha. Já a ESPN começou analisando a dificuldade da partida, também comentou sobre o lance livre do Brasil, a defesa e a próxima partida contra a Espanha. O SporTV também anunciou a grade do canal mais vezes do que no outro jogo: doze. Houve novamente o quadro Giro SporTV com o jornalista Jader Rocha e a participação dos profissionais da casa direto da Polônia trazendo informações sobre o Mundial masculino de vôlei. A outra emissora anunciou os mesmos programas do que da

outra partida (a WNBA e a Copa do Mundo de basquete). A novidade veio da divulgação da Copa do Mundo de basquete feminina. Outra vez apenas a ESPN anunciou a interatividade, a partir da *hashtag* e do site para conferir a programação. Também não pode ser acompanhada essa interação do canal com o público. Desta vez o nome do SporTV foi citado mais vezes do que o da ESPN, assim como a referência ao Brasil também foi maior no canal.

A última partida analisada trouxe apenas quatro vezes o uso da câmera exclusiva por parte do SporTV. A ESPN não possuía este artifício. Os comentários do SporTV começaram pelo primeiro jogo brasileiro contra a Sérvia, ainda na fase de classificação. Seguiram-se pela defesa e se encerraram com a tristeza da eliminação brasileira da competição, tanto por parte do narrador, quanto do comentarista. A ESPN teve comentários muito semelhantes. Começaram também pela primeira partida contra a Sérvia e terminaram com a tristeza da eliminação, tanto do narrador, quanto do comentarista. A única diferença foi quando Cledi Oliveira expressou indignação com a atitude brasileira na partida (esses comentários foram proferidos no terceiro quarto de jogo). Os anúncios da grade do SporTV deram-se principalmente pela outra partida de quartas-de-final entre Espanha x França, que aconteceria no mesmo dia. Também chamaram a atenção do telespectador para o restante da competição. Não houve o quadro Giro SporTV, mas a participação de outros profissionais do canal direto da Polônia ocorreu que nem nas outras partidas. O diferente ficou por conta da interação com o comentarista Alberto Bial que trouxe uma análise gráfica de alguns lances do confronto. A ESPN também anunciou várias vezes o jogo entre Espanha x França, assim como a Copa do Mundo de basquete feminina e as finais da WNBA. A interatividade novamente ficou por conta apenas da ESPN, que divulgou o uso da *hashtag*, das redes sociais e do site para o acompanhamento da programação. Também não pode se conferir a resposta do público. O nome da emissora foi o mais citado na exibição, mas a menção à equipe brasileira foi feita mais vezes pelo canal SporTV.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É clara a procura do brasileiro por outros esportes além do futebol. Podemos comprovar isso através da grade de programação de diversos tipos de emissoras. Os canais por assinatura que tratam apenas de esporte dividem seu tempo não apenas com o futebol, mas com diversas modalidades. Além de programas diários e semanais, os principais eventos de cada esporte também são transmitidos, como é o caso da Copa do Mundo de Basquete 2014 televisionada pelos canais SporTV e ESPN. Até mesmo as emissoras em televisão aberta dão espaço para (nem tão) novas modalidades, seja em seus programas semanais de esporte ou em telejornais diários.

Através da transmissão da Copa do Mundo de Basquete, os canais SporTV e ESPN puderam divulgar e disseminar um pouco mais desse esporte no país. Mesmo com ídolos nacionais já reconhecidos, como Oscar e Hortência, e brasileiros jogando na maior liga do mundo (a NBA, nos Estados Unidos), o evento era transmitido também como uma aula. Regras, passes e jogadas eram detalhadamente explicados para o telespectador. Mas isso não é jornalismo? Jornalismo é explicar o fato que está ocorrendo para que a pessoa do outro lado da televisão possa tirar sua conclusão sobre o acontecido. Foi assim que o SporTV e a ESPN encontraram uma maneira de propagar o basquete para o público brasileiro: apresentando a modalidade detalhadamente.

Cada uma de uma maneira diferente exibiu os jogos a Seleção brasileira e algumas outras partidas para os seus assinantes. O SporTV montou uma grande estrutura: levou para a Espanha (pelo menos) cinco profissionais para o evento. Era um narrador, um comentarista, um comentarista de arbitragem, um repórter e um repórter cinematográfico, tendo seus dois principais profissionais especializados em basquete no elenco. Já a ESPN transmitiu os jogos através de seus estúdios, apenas com um narrador e um comentarista. Apesar de o comentarista ser ex-jogador de basquete, a equipe não era a que costuma cobrir as principais partidas da modalidade exibidas pela emissora.

Quanto mais informações e recursos usados durante a transmissão, mais fácil de compreender o esporte fica. Mais fácil também de entreter o telespectador, fazendo-o gostar de basquete. Através das inserções do repórter durante o jogo trazendo informações complementares aos comentários que iam conduzindo a transmissão houve o dinamismo por

parte do SporTV. Eram também as diferentes ideias contrapostas pelos três condutores da exibição que davam divergentes opiniões para a interpretação de diversas maneiras do fato. Já pela ESPN, havia apenas um profissional para emitir seu entendimento da partida, ou seja, apenas um modo de pensar. Muitas vezes coube ao narrador complementar ou, até mesmo, confrontar tais opiniões. Pouca interação deixava muitas vezes a condução da transmissão monótona.

Recursos técnicos também fizeram a diferença. Além de uma câmera exclusiva, gráficos detalhavam melhor a partida para quem estava acompanhando pelo SporTV. A ESPN possuía o recurso da interação com os telespectadores – ou pelo menos anunciou, pois ele nunca foi utilizado. Ficou-se esperando as diferentes opiniões provenientes do público, mas nada houve além do mesmo pensamento do comentarista.

Seja por preferência a outros eventos e outras transmissões, falta de verba ou falta de interesse, a melhor transmissão da Copa do Mundo de Basquete 2014 foi do SporTV. Foi esse jornalismo feito pela emissora que fez jus a um esporte como o basquete: ótimo de se assistir, mas pouco entendido pelos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Periodismo deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira – Uma visão econômica, social e política**. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- RAMOS, Murilo César; MARTINS, Marcus. **A TV por assinatura no Brasil: conceito, origens, análise e perspectivas**. 1995. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/53029415/A-TV-por-Assinatura-no-Brasil-conceito-origens-analise-e-perspectivas#scribd>. Acesso em: 26.05.2015
- RANGEL, Patrícia. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. 2008.
- RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- SAVENHAGO, Igor José Siquieri. **Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo**. 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/97/143>. Acesso em: 26.05.2015
- SETTE, Guilherme Michelin. **Canal SporTV: uma análise sobre o processo de gestão da produção dos programas esportivos na digitalização da televisão por assinatura**. 2010. 112 f. Dissertação (Pós-Graduação em Televisão Digital) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru. 2010.
- SILVEIRA, Marcio Telles. **Futebol dá televisão: moldurações audiovisuais**. 2010. 112 f. Monografia (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- SOARES, César e MICHEL, Margareth de Oliveira. **As Mulheres no Jornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul**. 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2522-2.pdf>. Acesso em: 26.05.2015
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005. 2v.v1: Porque as notícias são como são.

OLIVEIRA, Carolina Santana de, MARQUES, Franciele, BOLZAN, Claudia de Oliveira. **Jogo de Damas: o jornalismo esportivo sem futebol**. 2013. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0330-1.pdf>. Acesso em: 17.09.2014

<http://espn.uol.com.br/quemsomos>. Acesso em: 31/03/2015

<http://www.fiba.com/basketballworldcup/2014/world-cup-history>. Acesso em: 31/03/2015

http://globosatcomercial.globo.com/quem_somos/index. Acesso em: 31/03/2015

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Mundial_de_Basquetebol_Masculino). Acesso em: 31/03/2015

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino de 2014](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Mundial_de_Basquetebol_Masculino_de_2014). Acesso em: 31/03/2015

<http://sportv.globo.com/site/institucional.html>. Acesso em: 31/03/2015